



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN**  
**CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS - CAPF**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS - DLE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA ESPANHOLA**

**SONALY MARIA FERNANDES DE BESSA**

**ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E INCLUSÃO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS**  
**ADOTADAS PARA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TDAH EM UMA**  
**ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PORTALEGRE-RN**

**PAU DOS FERROS**

**2024**

**SONALY MARIA FERNANDES DE BESSA**

**ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E INCLUSÃO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS  
ADOTADAS PARA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TDAH EM UMA  
ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PORTALEGRE-RN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), para obtenção do título de licenciada.

**Orientadora:** Profa. Ma. Marília Cavalcante de Freitas Moreira

**PAU DOS FERROS**

**2024**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

**B557e** Bessa, Sonaly Maria Fernandes de  
Ensino de Língua Espanhola e inclusão: desafios e estratégias adotadas para aprendizagem de alunos com TDAH em uma escola no município de Portalegre-RN. / Sonaly Maria Fernandes de Bessa. - Pau dos ferros, 2024. 60p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Marília Cavalcante de Freitas Moreira.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. TDAH. 2. Ensino. 3. Desafios. 4. Estratégias. I. Moreira, Marília Cavalcante de Freitas. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

**SONALY MARIA FERNANDES DE BESSA**

**ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E INCLUSÃO: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS  
ADOTADAS PARA APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TDAH EM UMA  
ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PORTALEGRE-RN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), para obtenção do título de graduado.

**Orientadora:** Profa. Ma. Marília Cavalcante de Freitas Moreira

Aprovada em: 04/12/2024

**Banca Examinadora**

Marília Cavalcante de Freitas Moreira

Profa. Ma. Marília Cavalcante de Freitas Moreira  
Secretaria de Estado da Educação e Cultura do RN (SEEC/RN)  
(Orientadora)

Maria das Graças de Oliveira Pereira

Profa. Ma. Maria das Graças de Oliveira Pereira  
Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN)  
(Examinadora interna)

Francisca Aline Micaelly da Silva Dias

Profa. Ma. Francisca Aline Micaelly da Silva Dias  
Secretaria Municipal de Educação de Portalegre (SMEP/RN)  
(Examinador externo)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, que, apesar dos inúmeros obstáculos, me deu forças para não desistir, sempre ouvindo minhas orações.

Além disso, quero agradecer imensamente a minha orientadora, professora Marília, que, mesmo diante de sua rotina intensa, não poupou esforços para me apoiar em todos os momentos. Sua calma, paciência e sabedoria foram fundamentais para conseguir chegar até aqui.

Agradeço a minha mãe, Damiana Luiza, *in memoriam*, que muito cedo foi deixando seu perfume como consolo nos dias difíceis.

Agradeço ao meu pai e a Emanuel, que durante toda a graduação me ajudaram no que foi preciso, encorajando-me mesmo nos dias que eu estava estressada.

Em especial, agradeço a minha prima Eloisa, sem ela eu não teria entrado na universidade. Desde o início, ela esteve ao meu lado, ajudando até mesmo na minha inscrição, sempre me incentivando e disposta a me apoiar em todos os momentos.

Por fim, as minhas amigas que ganhei na graduação, Alene, Mileny, Camilla e minha grande amiga de infância, Alany. Três meninas de luz e alegria, junto com vocês, meus dias na universidade foram mais felizes e, sem dúvidas, tudo se tornou mais leve.

## RESUMO

O presente trabalho tem como título o Ensino de Língua Espanhola e inclusão com foco nos desafios e estratégias adotadas para aprendizagem de alunos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) em uma escola no município de Portalegre-RN. Assim, este estudo se justifica pela carência de pesquisa sobre o ensino de língua estrangeira para estudantes com TDAH, especialmente nas aulas de espanhol. Nesse sentido, temos como objetivo geral: compreender quais os desafios e estratégias adotadas pelos professores de língua espanhola no município de Portalegre -RN, no que se refere ao ensino de alunos com TDAH e como objetivos específicos: (i) analisar as estratégias de inclusão desenvolvidas em suas aulas com alunos com TDAH; (ii) refletir sobre os principais desafios enfrentados pelos professores de Espanhol durante as aulas com os alunos com TDAH. Como aporte teórico, fundamentamos nos estudos de Ludving e Soveral (2022), Fernandes e Paula (2020), Santana e Meireles (2021), além do site ABDA (Associação Brasileira do Déficit de Atenção). Para abordar as estratégias de ensino em língua espanhola, utilizamos autores como Costa (2010), Fernandes e Paula (2020), Maia e Confortin (2015), Rohde e Mattos (2003) e Freitas (2017). Nas referências metodológicas, utilizamos os estudos de Gil (2002), Borba (2004) entre outros. A metodologia adotada aponta para uma pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa. A construção do *corpus* se deu a partir das respostas do questionário semiestruturado. As professoras/colaboradoras são da rede municipal de ensino e a análise descritiva das suas respostas possibilita a reflexão de que as principais dificuldades enfrentadas pelas professoras em sala de aula são a falta de preparo durante a formação acadêmica, a resistência de alguns pais ao diagnóstico de TDAH e a falta de conhecimento geral sobre o transtorno, que acaba gerando preconceitos. Além disso, as estratégias destacadas são o uso de recursos audiovisuais e atividades com questões de múltiplas escolhas, para promover a concentração dos alunos. Portanto, é essencial que o professor busque novas abordagens pedagógicas, visando proporcionar um melhor suporte aos alunos com TDAH e garantir um cuidado especial aos estudantes com equidade.

**Palavras-chaves:** TDAH; ensino; desafios; estratégias.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como tema la enseñanza de la lengua española y la inclusión, con un enfoque en los desafíos y estrategias adoptadas para el aprendizaje de estudiantes con Trastorno por Déficit de Atención con Hiperactividad (TDAH) en una escuela del municipio de Portalegre-RN. Así, este estudio se justifica por la carencia de investigaciones sobre la enseñanza de lenguas extranjeras a estudiantes con TDAH, especialmente en las clases de español. En este sentido, nuestro objetivo general es: comprender los desafíos y estrategias adoptadas por los profesores de lengua española en el municipio de Portalegre-RN en relación con la enseñanza a estudiantes con TDAH. Como objetivos específicos: (i) analizar las estrategias de inclusión desarrolladas en sus clases con estudiantes con TDAH; (ii) reflexionar sobre los principales desafíos enfrentados por los profesores de español durante las clases con estudiantes con TDAH. Desde un punto de vista teórico, nos fundamentamos en los estudios de Ludving y Soveral (2022), Fernandes y Paula (2020), Santana y Meireles (2021), además del sitio web de la ABDA (Asociación Brasileña del Déficit de Atención). Para abordar las estrategias de enseñanza en lengua española, utilizamos autores como Costa (2010), Fernandes y Paula (2020), Maia y Confortin (2015), Rohde y Mattos (2003) y Freitas (2017). En cuanto a las referencias metodológicas, empleamos los estudios de Gil (2002), Borba (2004), entre otros. La metodología adoptada apunta a una investigación bibliográfica y de campo, con un enfoque cualitativo. La construcción del corpus se realizó a partir de las respuestas de un cuestionario semiestructurado. Las profesoras/colaboradoras pertenecen a la red municipal de enseñanza, y el análisis descriptivo de sus respuestas permitió reflexionar sobre las principales dificultades que enfrentan en el aula, tales como la falta de preparación durante su formación académica, la resistencia de algunos padres al diagnóstico de TDAH y la falta de conocimiento general sobre el trastorno, lo que genera prejuicios. Además, las estrategias destacadas incluyen el uso de recursos audiovisuales y actividades con preguntas de opción múltiple para promover la concentración de los estudiantes. Por lo tanto, es esencial que el profesor busque nuevas metodologías pedagógicas con el objetivo de proporcionar un mejor apoyo a los estudiantes con TDAH y garantizar un cuidado especial a los estudiantes con equidad.

**Palabras-clave:** TDAH; enseñanza; desafíos; estrategias.

## **LISTA DE SIGLAS**

AEE- Atendimento Educacional Especializado

ABDA- Associação Brasileira de Déficit de Atenção

TDAH- Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01 - Características dos subtipos

Quadro 02 - Padrão persistente de desatenção

Quadro 03 - Características da Hiperatividade e Impulsividade

Quadro 04 – Estratégias

Quadro 05 – Perguntas e respostas I

Quadro 06 – Perguntas e respostas II

Quadro 07 – Perguntas e respostas III

Quadro 08 – Perguntas e respostas IV

Quadro 09 – Perguntas e respostas V

Quadro 10 – Perguntas e respostas VI

Quadro 11 – Perguntas e respostas VII

Quadro 12 – Perguntas e respostas VIII

Quadro 13 – Perguntas e respostas IX

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TDAH: ALGUMAS DISCUSSÕES .....</b>	<b>13</b>
2.1 Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e suas características .....	17
2.2 TDAH e suas implicações na sala de aula.....	21
2.3 Ambiente inclusivo: estratégias para o ensino de Língua Espanhola .....	24
<b>3 METODOLOGIA: CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>29</b>
3.1 Caracterização e tipo de pesquisa .....	29
3.2 Universo e construção do <i>corpus</i> da pesquisa .....	31
<b>4 ANALISANDO OS DESAFIOS E AS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA NA VISÃO DOCENTE .....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO APLICADO ÀS PROFESSORAS A E B.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO (TCLE).....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO DO QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA A .....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO B – QUESTIONÁRIO DO QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA B.....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, muito se fala sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais nos ambientes educacionais, porém, esse assunto não surgiu recentemente. Há alguns anos, existem leis que garantem a inclusão de alunos com necessidades especiais, incluindo aqueles com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) define pessoas com deficiência como aquelas que têm um impedimento de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. Essa lei visa promover a igualdade de oportunidades, garantindo que todos tenham os mesmos direitos, sem que haja discriminação ou exclusão.

Contudo, a lei de nº 14.254, publicada no Portal do Planalto, garante o direito à inclusão nas escolas com acompanhamento integral para alunos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), entre outros transtornos. Nesse percurso de fortalecimento da inclusão, a escola é essencial no processo de ensino e aprendizagem dessas crianças. Quanto mais cedo o diagnóstico é evidenciado e visto como prioridade, mais chances surgem para um acompanhamento adequado.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de nº 9.394/1996, destaca que a educação especial é um tipo de ensino destinado a alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Esse ensino deve ser oferecido principalmente nas escolas de educação regular. O Art. 59 da LDB estabelece que os sistemas de ensino devem garantir currículos, métodos, técnicas e recursos adequados para atender às necessidades dos alunos com deficiência. Além disso, é necessário ter professores especializados para atender essas demandas e capacitar os professores das turmas regulares, garantindo, assim, a inclusão efetiva desses alunos nas aulas.

Nesse contexto, antes de abordar a temática de forma mais profunda e inserida no ambiente educacional, é importante destacar que o TDAH é um transtorno neurobiológico que tem como principais características a desatenção, hiperatividade e impulsividade, podendo afetar tanto adultos quanto crianças, influenciando na vida acadêmica, emocional e comportamental, com manifestações que podem estar presentes tanto na escola, trabalho ou em casa, como visto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013). Dessa forma, deve-se aos estudos construídos ao longo dos anos a relevância das discussões para que, atualmente, a inclusão fosse de fato colocado em pauta e vista como um direito universal, para que as pessoas portadoras desse transtorno sejam vistas com compreensão e a negligência e exclusão sejam realmente combatidas.

Falar de inclusão, atualmente, é imprescindível, pois o corpo docente e os profissionais em formação devem, acima de tudo, olhar para seus aprendizes com equidade, sabendo que a educação é um direito de todos. Nesse sentido, o presente trabalho aborda um estudo dos desafios e estratégias de ensino adotadas por profissionais da educação básica durante as aulas de Língua Espanhola, ministradas também para alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em uma escola no município de Portalegre, localizado no Alto Oeste Potiguar.

A escolha desse tema deu-se durante as vivências do Estágio Supervisionado I, realizado no município de Portalegre-RN, além do estágio não obrigatório oferecido também pelo município, no qual tive a oportunidade de atuar diretamente com esses alunos. Desta forma, ficou evidente os desafios para ensinar aos alunos com deficiência, uma vez que é um trabalho que necessita de uma atenção minuciosa, em especial os alunos com TDAH, pois os professores possuem muita dificuldade em conseguir mantê-los focados nas aulas. Além disso, observei a carência de estudos sobre TDAH voltados para a área de Línguas Estrangeiras, com destaque para o ensino da língua espanhola, já que promover a inclusão na sala de aula é indispensável, visto que os alunos precisam aprender uma língua diferente da sua materna. Isso, naturalmente, pode gerar dificuldades, tanto ao aluno com TDAH quanto ao professor, já que, em suas metodologias de ensino, precisam atender às necessidades do aluno, mas muitos dos professores não tem formação específica para ensinar a alunos com algum tipo de deficiência.

A importância dessa pesquisa se centra na necessidade de discutir sobre o Transtorno de Déficit de Atenção, nos dias atuais, uma vez que muitas pessoas foram vítimas do descaso, dos estigmas e do preconceito, assim, sendo vistas pela sociedade como alguém invalidado socialmente e excluídas de muitas atividades comuns do cotidiano.

Com o passar dos anos e o avanço dos estudos científicos e da medicina, essa percepção foi refutada, pois, muitos estudos passaram a utilizar doenças mentais e diversos tipos de transtornos como instrumentos de pesquisa. Essas discussões são inteiramente essenciais para que haja de fato uma quebra de estigmas que são relacionadas a esse tipo de transtorno.

Diante desse cenário, surgem algumas questões que necessitam de investigações mais aprofundadas e, com base nisso, elaboramos algumas perguntas para nortear a pesquisa. Como questão central temos: Quais os desafios e estratégias que são adotados pelos professores de língua espanhola do fundamental II para o ensino de alunos com TDAH? E como questões de desdobramento destacamos: Quais as principais estratégias de inclusão desenvolvidas pelos professores de espanhol durante as aulas com alunos com TDAH? E quais os principais desafios enfrentados pelos professores de espanhol sobre o ensino e inclusão em suas aulas com alunos

com TDAH?

Assim, para responder as questões de pesquisa elaboradas, apresentamos os objetivos do trabalho. O objetivo geral é compreender quais os desafios e estratégias adotados pelos professores de língua espanhola do fundamental II no município de Portalegre- RN, no que se refere ao ensino de alunos com TDAH. Quanto aos objetivos específicos, são: (i) analisar as estratégias de inclusão desenvolvidas em suas aulas com alunos com TDAH; (ii) refletir sobre os principais desafios enfrentados pelos professores de Espanhol durante as aulas com os alunos com TDAH.

Para a fundamentação teórica dessa pesquisa, utilizamos os aportes teóricos de Bondio e Mori (2013), Silva (2014), Caliman (2010), Carvalho, Ferreira e Albuquerque (2022), o DSM-V (2013), além do site Psicoedu<sup>1</sup> para tratar do percurso histórico do TDAH até os dias atuais. Para aprofundar a compreensão sobre o que é o TDAH, suas características e subtipos, também recorreremos ao DSM-V, o manual mais recente de diagnósticos de Transtornos Mentais.

No que se refere às implicações do TDAH na sala de aula, consultamos autores como Ludving e Soveral (2022), Fernandes e Paula (2020), Santana e Meireles (2021), além do site ABDA<sup>2</sup> (Associação Brasileira do Déficit de Atenção). Por fim, para abordar as estratégias de ensino para alunos com TDAH em aulas de língua espanhola, utilizamos autores como Costa (2010), Fernandes e Paula (2020), Maia e Confortin (2015), Rohde e Mattos (2003) e Freitas (2017). Nas referências metodológicas, utilizamos os estudos de Gil (2002), Borba (2004) entre outros que nos possibilitaram uma compreensão sobre o caminho seguido.

Assim, para alcançar os objetivos propostos, foi adotada uma pesquisa com abordagem qualitativa, de tipo exploratória, por meio do método dedutivo, através do procedimento técnico de campo. O instrumento utilizado para a construção do *corpus* foi o questionário semiestruturado e as colaboradoras foram duas professoras de língua Espanhola da rede de ensino pública do fundamental II (anos finais). Essa metodologia permitirá obter uma compreensão mais aprofundada das percepções dos professores de língua espanhola a partir do ensino de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e das estratégias que desenvolvem na sala de aula para atenderem as demandas e das adaptações necessárias.

A estrutura do trabalho se apresenta com as seguintes seções que visam fornecer uma compreensão mais abrangente do tema. Na primeira seção, encontramos a introdução do trabalho, na qual expomos o tema central, questões de pesquisa, objetivos gerais e específicos,

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do link <https://www.psicoedu.com.br/2016/11/historia-origem-do-tdah.html>.

<sup>2</sup> Informações consultadas no link <https://tdah.org.br/quadro-clinico>.

justificativa e o contexto necessário para a compreensão do projeto. Em seguida, na segunda seção, apresentaremos um pouco sobre o percurso histórico do TDAH até os dias atuais e a evolução do conceito, assim como as características, tipos e níveis de TDAH, segundo o DSM-V atual; as implicações do TDAH na sala de aula, que dificultam a aprendizagem do aluno; e abordaremos as melhores estratégias para atuar com os alunos com TDAH na sala de aula. Em seguida, na terceira seção, detalhamos a caracterização da pesquisa, o universo, os colaboradores e a construção do *corpus* da pesquisa. Na quarta seção, apresentamos as análises com base nas falas das professoras/colaboradoras. Por fim, na quinta seção, apresentamos as considerações finais.

## 2 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TDAH: ALGUMAS DISCUSSÕES

O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é bastante conhecido atualmente graças ao avanço da medicina, estudos científicos, da psicologia, além dos avanços na pesquisa na área da educação, mas sua história começou há mais de 200 anos. Durante esse período, ele foi chamado por diferentes nomes e passou por várias mudanças, conforme novos estudos foram feitos. Apesar de ser muito pesquisado e discutido hoje em dia, o TDAH já era observado no passado, mesmo que de forma diferente. A seguir, vamos entender como essas mudanças aconteceram ao longo do tempo.

Figura 1: Linha do tempo



Fonte: elaborado própria (2024).

Portanto, desde o início do século XIX, o TDAH, como é conhecido atualmente, foi explorado de diversas maneiras e passou por muitos estudos ao longo dos anos, mesmo que, na época, seu diagnóstico não fosse tão fácil de ser concluído. Bonadio e Mori (2013) mencionam que o primeiro quadro semelhante do que chamamos hoje de TDAH foi citado na literatura no ano de 1865 pelo médico pediatra Heinrich Hoffman com o poema “Felipe, o inquieto” que retratava a história de um menino com características de impulsividade e inquietude. Nele, Hoffman teve como inspiração para a criação do poema suas práticas clínicas e observações

feitas durante seu trabalho e, mesmo que na época não se conhecesse sobre o transtorno de Déficit de Atenção, os aspectos retratados eram semelhantes aos sintomas.

Porém, as autoras Bonadio e Mori (2013) citam que, apesar do poema do médico alemão Heinrich Hoffman, o precursor a estudar o tema foi o pediatra britânico George Still, em 1902. Ele observou 43 crianças com idade entre três e doze anos que tinham dificuldade em manter o foco em determinadas situações e, com base em suas observações, percebeu que essas crianças eram muito agitadas, impulsivas, agressivas e indisciplinadas. Acreditava, ainda, que essas crianças possuíam a capacidade de controlar seus impulsos, o que ele chamava de "controle moral". No entanto, ele também afirmava que o desempenho desse controle variava de uma criança para outra.

Silva (2014) destaca que Tredgold, diferente de Still, acreditava em outra causa do transtorno:

Aprofundando a teoria e as observações de Still, Alfred Tredgold (1870-1952), membro da "English Royal Commission on Mental Deficiency", sugeriu que alguma forma de dano cerebral causado por problemas ao nascer, por exemplo poderia levar à alteração de comportamento e de aprendizado nos primeiros anos escolares; assim, ele foi o primeiro a propor a existência do que mais tarde foi chamado de "lesão cerebral mínima" e também foi o primeiro a alertar sobre o impacto social e acadêmico (Silva, 2014, p. 23).

Portanto, conforme citação de Silva (2014), o pesquisador Alfred Tredgold acreditava que problemas durante o nascimento, advindos de uma possível lesão cerebral, poderiam causar problemas em relação ao comportamental e acadêmico nos primeiros anos escolares da criança, sendo o primeiro a mencionar sobre a "lesão cerebral mínima". Esse assunto, anos depois, se torna motivo de estudo e contradições entre os estudiosos decorrentes de um surto chamado de "epidemia de encefalite", ocorrido em 1917, que era uma infecção cerebral que afetou mais de 200 milhões de pessoas.

Camilan (2010) deixa a entender que essa epidemia da encefalite<sup>3</sup> foi uma infecção misteriosa que surgiu nos últimos anos da Primeira Guerra Mundial, permanecendo sem solução até os dias atuais e, embora a encefalite letárgica não seja totalmente ligada ao TDAH, estudiosos da época perceberam que as crianças que foram afetadas por essa doença apresentaram mudanças no comportamento, emocional e cognitivo como encontrado no site Psicoedu (2016):

A doença causou danos físicos e mentais irreversíveis em muitos pacientes. Muitas das crianças que sobreviveram à epidemia apresentaram graves problemas de

---

<sup>3</sup> A encefalite é uma inflamação cerebral, geralmente causada por vírus, que pode gerar sintomas como febre, dor de cabeça e alterações na consciência.



comportamento, chamados de distúrbios do comportamento pós-encefalite. As características desse transtorno incluíam mudanças de personalidade, instabilidade emocional, déficits cognitivos, dificuldades de aprendizagem e outras. As crianças eram descritas como hiperativas, distraídas, antissociais, destrutivas e indisciplinadas.

Por consequência, as crianças que sobreviveram a essa doença da época enfrentaram diversos traumas mentais chamados de distúrbios do comportamento pós-encefalite, e neles os médicos conseguiram perceber as mudanças comportamentais. Elas eram retiradas de suas casas e distanciadas de seus familiares para serem encaminhadas para instituições que atendiam epiléticos, pessoas com deficiências mentais e pacientes com Parkinson. Além disso, a vacinação não era acessível, considerada ineficaz e vinculada à patologia cerebral (Camilan, 2010).

Entre os anos de 1920 e 1950, foram introduzidos conceitos como "motivação orgânica" e "síndrome de inquietação":

termos como motivação orgânica e síndrome de inquietação, são empregados para descrever crianças com as seguintes características comportamentais: inquietação, hiperatividade, impulsividade e dificuldades acadêmicas. Naquela época, segundo Barkley (2008), alguns pesquisadores como Blau, em 1936, e Levi, em 1938, observaram similaridades entre crianças com hiperatividade e os comportamentos de primatas com lesões no lobo frontal. As pesquisas realizadas há cerca de 60 anos indicaram que a remoção dos lobos frontais dos primatas ocasionava inquietação, incapacidade de manter o interesse e demais alterações no comportamento (Bonadio e Mori, 2013, p. 27).

Assim, as crianças que apresentavam os sintomas de inquietação, hiperatividade, impulsividade e que tivessem dificuldades em atividades acadêmicas tinham as mesmas características presentes em crianças com lesão no lobo frontal (área no cérebro responsável por funções relacionadas a processos cognitivos, comportamento e controle motor). Associaram que as características presentes em crianças com síndrome de inquietação e as crianças com lesão no lobo frontal eram semelhantes. Com o tempo, as associações entre lesão cerebral e comportamentos impulsivos e inquietos ganharam mais força, especialmente a partir da década de 1950. Porém, entre esse período de 1920 a 1950, ocorreram outros momentos de grande significância na história do TDAH que valem ser comentada.

Em 1932, conforme encontrado no site Psicoedu, dois médicos alemães, Franz Kramer e Hans Pollnow fizeram descobertas diferentes sobre o transtorno em relação aos outros pesquisadores. Eles notaram que as crianças com TDAH apresentavam mais agitação e impulsividade, ao invés dos comportamentos morais e de conduta que outros pesquisadores costumavam destacar, que, nessa época, ficou denominado como doença hipercinética da infância, que inclusive foi tema de seu artigo “sobre a doença hipercinética da infância”.

Em 1937, surge o primeiro medicamento com eficácia para crianças com dificuldades

de aprendizagem e transtornos de comportamento, graças ao médico Charles Bradley ao descobrir que um medicamento fazia efeito positivo nas crianças por acaso, a Benzadrina., um medicamento para dores de cabeça utilizado na época, e observou que ele apresentava efeitos positivos em crianças com tais dificuldades. Essa descoberta marcou um passo inicial na pesquisa de outros medicamentos para o tratamento do TDAH, como a Ritalina, em 1944, que continua sendo um importante tratamento até os dias contemporâneos. Naquela época, a Ritalina era utilizada para outros tipos de tratamentos, mas Leandro Panizzon percebeu sua eficácia em relação a transtornos hiperativos (Psicoedu, 2016).

Portanto, durante o período em que se descobriam os primeiros tratamentos para o TDAH, os pesquisadores, ao continuarem seus estudos, passaram a acreditar em uma possível lesão no cérebro. Para investigar essa hipótese, eles analisaram as vítimas da Segunda Guerra Mundial. Bonadio e Mori (2013) afirmam que:

a segunda Guerra Mundial favoreceu as pesquisas nessa área, pois em decorrência do grande número de vítimas, muitos pesquisadores se dedicaram a estudar as sequelas decorrentes da guerra, dentre elas, os traumas cerebrais. As pesquisas realizadas naquele período apontaram que um prejuízo em qualquer parte do cérebro poderia desencadear comportamentos de desatenção, impaciência ou inquietação. Os resultados desses estudos serviram de base para se afirmar que as crianças com tais comportamentos eram vítimas de alguma disfunção ou perda cerebral (Bonadio e Mori, 2013, p. 29).

Em decorrência das lesões que os soldados sofriam devido à guerra, chegaram à conclusão de que danos em diferentes áreas do cérebro podiam provocar comportamentos como falta de atenção, impulsividade e agitação. Dessa forma, em 1940, surgiu o novo conceito de lesão cerebral mínima, que "se baseava na ideia de que uma lesão mínima no cérebro ocasionaria alguns comportamentos hiperativos e alguns transtornos, em diferentes graus de severidade" (Carvalho et al. 2022, p. 5), ou seja, até mesmo pequenas lesões no cérebro poderiam ocasionar em condições comportamentais e cognitivas nos indivíduos, variando em diferentes graus, sejam eles severos ou não, variando de uma pessoa a outra.

Portanto, o conceito de lesão cerebral mínima foi gradualmente desaparecendo, dando lugar a um novo conceito: Reação Hiperativa da infância. Pela primeira vez, o TDAH, como conhecido atualmente, apareceu no DSM-II, a segunda edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em 1968. Esse novo conceito refletia a tentativa de entender melhor os sintomas que se caracterizavam em comportamentos como hiperatividade, inquietação, distração e dificuldade em manter a atenção por períodos prolongados, que se destacavam mais nas crianças, porém, acreditavam que esses comportamentos deixavam de aparecer quando a criança ia chegando na adolescência (Silva, 2014).

Com a publicação do DSM-III, em 1970, o transtorno passou a ser conhecido por dois subtipos, o transtorno de déficit de atenção com ou sem hiperatividade, surgindo outras novas características que foram introduzidas no manual, entre elas:

- a) substituiu-se as teorias ligadas à etiologia por uma visão fenomenológica;
- b) passou-se a considerar o transtorno sem hiperatividade, incluindo a desatenção como principal sintoma;
- c) considerou-se a possibilidade de uma forma adulta chamada "Tipo Residual" (Silva, 2014, p. 25).

Diferente de outros autores que, em seus começos de estudos, destacavam a hiperatividade como um dos principais sintomas nas crianças, o DSM-III destacou a desatenção como o principal sintoma predominante, sem a presença de hiperatividade. Além disso, também podemos considerar a possibilidade de um adulto também poder ter as características do TDAH. No "Tipo Residual", que foi atualizado dez anos depois pelo DSM-III-R, os sintomas poderiam persistir na idade adulta, visto que, antigamente, destacavam os sintomas do TDAH somente em crianças e adolescentes.

Distinto do DSM-III, a publicação do DSM-IV, em 1990, já conhecido como transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, trouxe mudanças na compreensão do TDAH. Embora as características do transtorno ainda fossem possibilidade de prevalecer na idade adulta, o novo manual destacou que o TDAH não se limitava apenas às crianças, mas que também era uma condição que persistia na vida adulta. O site Psicoedu enfatiza que, nesse manual, foram definidos três subtipos: “um tipo predominantemente desatento, um tipo predominantemente hiperativo-impulsivo, e um tipo combinado com sintomas de ambos os tipos anteriores”. Desse modo, esses subtipos ajudam a entender que o TDAH pode se manifestar diferentemente em cada pessoa.

Hoje, o manual mais atualizado é o DSM-V (2013, p. 59) que diz que o TDAH “é um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento ou no desenvolvimento”. Logo, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neurobiológico, que afeta no desenvolvimento da atenção, atividades motoras e impulsos. Na subseção a seguir, abordaremos melhor sobre o TDAH atualmente.

## **2.1 Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e suas características**

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neurobiológico que impacta no funcionamento e desenvolvimento do indivíduo. Conforme o

Ministério da Saúde (2022), cerca de 5% a 8% da população mundial apresenta esse transtorno. O TDAH, geralmente, costuma se manifestar quando o indivíduo ainda está na fase da infância e pode persistir na adolescência e na fase adulta, porém, em alguns casos, o diagnóstico é realizado e descoberto apenas na vida adulta. O DSM-V descreve o TDAH com três características principais: desatenção, hiperatividade e impulsividade, que se manifestam de maneiras distintas:

A desatenção manifesta-se comportamentalmente no TDAH como divagação em tarefas, falta de persistência, dificuldade de manter o foco e desorganização e não constitui consequência de desafio ou falta de compreensão.

A hiperatividade refere-se a atividade motora excessiva (como uma criança que corre por tudo) quando não apropriado ou remexer, batucar ou conversar em excesso. Nos adultos, a hiperatividade pode se manifestar como inquietude extrema ou esgotamento dos outros com sua atividade.

A impulsividade refere-se a ações precipitadas que ocorrem no momento sem premeditação e com elevado potencial para dano à pessoa (p. ex., atravessar uma rua sem olhar). A impulsividade pode ser reflexo de um desejo de recompensas imediatas ou de incapacidade de postergar a gratificação (DSM-V, 2014, p. 61).

Portanto, o DSM-V destaca que o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) se manifesta, principalmente, por três pilares em relação aos seus sintomas: desatenção, hiperatividade e impulsividade. A desatenção é caracterizada por dificuldades em manter o foco, falta de persistência, divagação e desorganização, sendo a falta de atenção um dos sintomas mais comuns no indivíduo com TDAH (Fernandes e Paula, 2020). Esses aspectos impactam diretamente o indivíduo com TDAH, tanto no contexto educacional quanto social, podendo fazer com que, posteriormente, ele tenha algum tipo de dificuldades em realização de atividade do dia a dia.

Já em relação à hiperatividade, o manual descreve que nas crianças há um excesso de atividades motoras em momentos não apropriados, ao falar e se mexer demais; já em adultos, a hiperatividade pode ser percebida em maneiras diferentes de inquietude e comportamentos que acabam até mesmo incomodando os outros. Diante desses comportamentos, eles são, muitas vezes, mal compreendidos por aqueles que não conhecem sobre o TDAH e “acabam as considerando mal-educadas e imaturas” (Fernandes e Paula, 2020, p. 156).

Por último, para a impulsividade, o DSM-5 menciona ações em que os sujeitos podem tomar decisões sem refletir ou planejar antes de acometer. Um exemplo mencionado é atravessar uma rua sem olhar, o que pode resultar em situações de risco, sem considerar futuras consequências. Diante dessas três características, muitas vezes são motivos de nomes desrespeitosos diante das suas ações, “como ‘bicho-carpinteiro’, ‘desengonçado’, ‘pestinha’, ‘diabinho’, ‘desajeitado’” (Maia e Confortin, 2015 p. 75).

Além disto, indivíduos com TDAH geralmente enfrentam dificuldades em controlar impulsos, emoções, e não resistem a distrações no ambiente ao seu redor. Esses desafios podem impactar negativamente em diversas áreas da vida, incluindo o desempenho estudantil, já que não conseguem seguir regras ou rotinas que comprometem a capacidade de manter o foco em atividades essenciais. Mesmo com as três características mencionadas no manual, há também mais três tipos de TDAH baseados nos critérios de desatenção, hiperatividade e impulsividade: o tipo combinado, predominantemente desatenta e predominantemente hiperativa/impulsiva. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais destaca esses três tipos como:

Apresentação combinada: Se tanto o Critério A1 (desatenção) quanto o Critério A2 (hiperatividade-impulsividade) são preenchidos nos últimos 6 meses.

Apresentação predominantemente desatenta: Se o Critério A1 (desatenção) é preenchido, mas o Critério A2 (hiperatividade-impulsividade) não é preenchido nos últimos 6 meses.

Apresentação predominantemente hiperativa/impulsiva: Se o Critério A2 (hiperatividade-impulsividade) é preenchido, e o Critério A1 (desatenção) não é preenchido nos últimos 6 meses (DSM-5, 2013, p. 60).

Como visto, no tipo combinado, tanto os sintomas de desatenção quanto os de hiperatividade e impulsividade estão presentes, ou seja, há dificuldades em manter a atenção, são pessoas que se distraem facilmente e apresentam características de impulsivos e hiperativos. Já no tipo predominantemente desatento, não há a presença da hiperatividade e impulsividade, apenas os sintomas de desatenção são preenchidos. Por último, o predominantemente hiperativo e impulsivo são somente quando as manifestações são observadas e preenchidas, porém, sem a presença da desatenção.

Para que os critérios sejam preenchidos no período de seis meses, é necessário que a pessoa apresente pelo menos seis sintomas em uma das listas de nove características. Maia e Confortin (2015, p. 76, *apud* Amorim, 2010, p. 1) apontam esses sintomas como:

**Quadro 01** - Características dos subtipos.

<b>Tipo Desatento:</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não enxerga detalhes ou faz erros por falta de cuidado.</li> <li>2. Dificuldade em manter a atenção.</li> <li>3. Parece não ouvir.</li> <li>4. Sente dificuldade em seguir instruções.</li> <li>5. Dificuldade na organização.</li> <li>6. Não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado.</li> <li>7. Frequentemente perde os objetos necessários para uma atividade.</li> <li>8. Distrai-se com facilidade.</li> </ol>
------------------------	--

	9. Esquecimento nas atividades diárias.
<b>Hiperativo Impulsivo:</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Inquietação mexendo as mãos e os pés ou se remexendo na cadeira.</li> <li>2. Dificuldade em permanecer sentado.</li> <li>3. Corre sem sentido ou sobe nas coisas excessivamente.</li> <li>4. Sente dificuldade de se engajar em uma atividade silenciosa.</li> <li>5. Fala sem parar.</li> <li>6. Responde às perguntas antes mesmo de serem terminadas.</li> <li>7. Age a 200 por hora.</li> <li>8. Não consegue esperar sua vez.</li> <li>9. Interrompe constantemente.</li> </ol>
<b>Combinado:</b>	Este tipo é caracterizado pelos dois tipos juntos, o desatento e o impulsivo. Esses tipos de hiperativos só são diagnosticados quando têm mais de seis sintomas.

**Fonte:** elaboração própria com base em Maia e Confortin (2015, p. 76, *apud* Amorim, 2010, p. 1-2).

Conforme o quadro 01, o tipo desatento tem dificuldade em manter a atenção, não percebe detalhes, não gosta de tarefas que exigem esforço mental, parece não ouvir, se distraem facilmente e, frequentemente, perde objetos. Já no tipo hiperativo/impulsivo, a inquietação é muito clara, visto a inquietação nas mãos e nos pés, dificuldade em permanecer sentado, falam excessivamente, tem dificuldade em realizar atividades silenciosas e impulsividade nas respostas e ações. O tipo combinado reúne características dos dois tipos anteriores, porém, com a presença de mais de seis sintomas.

Portanto, podemos perceber que o TDAH varia, já que cada pessoa apresenta certas características próprias, além disso, o DSM-5 (2013) o classifica em três níveis: o leve, moderado e grave. No leve, as pessoas apresentam poucos sintomas, que não afetam tanto no seu desenvolvimento do dia a dia, enquanto no moderado os sintomas são mais presentes, com traços entre os níveis leve e grave, porém, já com sintomas que prejudicam o seu cotidiano. Já o nível de TDAH grave é caracterizado pela presença de muitos sintomas, que a pessoa pode enfrentar grandes obstáculos em suas interações sociais e no ambiente de trabalho.

Portanto, podemos perceber que o TDAH varia entre uma pessoa e outra, e que suas principais características são a presença da desatenção, hiperatividade e impulsividade. Eles podem ser divididos em subtipos como o desatento, que a maior dificuldade é a concentração; o hiperativo e impulsivo, no qual a pessoa é muito hiperativa, tem muita energia e é impulsiva;

e, por último, o combinado, que estão presentes todos os sintomas.

## 2.2 TDAH e suas implicações na sala de aula

Em uma sala de aula, encontramos alunos com hábitos e costumes distintos, e cada um com suas próprias dificuldades na aprendizagem e uma maneira única de aprender, conforme o seu ritmo (Freitas, 2017). Contudo, o aluno com TDAH possui dificuldades específicas e o professor tem que desenvolver estratégias pedagógicas que atendam às necessidades dos alunos, como menciona Ludving e Soveral (2022). Muitas vezes, é na escola que o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é identificado com maior frequência, pois é nesse ambiente que o estudante se depara com atividades que exigem uma maior concentração (Fernandes e Paula, 2020).

Além disso, indivíduos com TDAH, geralmente, enfrentam também dificuldades em controlar impulsos e emoções, e a não resistirem a distrações no ambiente ao seu redor. Esses desafios podem impactar negativamente em diversas áreas da vida, incluindo o desempenho estudantil, já que não conseguem seguir regras ou rotinas que comprometem a capacidade de manter o foco em atividades essenciais. No quadro 02 seguinte, veremos o padrão persistente da desatenção.

**Quadro 02** - Padrão persistente de desatenção.

<b>A</b>	Frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades.
<b>B</b>	Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas.
<b>C</b>	Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente.
<b>D</b>	Frequentemente não segue instruções até o fim e não consegue terminar trabalhos escolares, tarefas.
<b>E</b>	Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades.
<b>F</b>	Frequentemente evita, não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado.
<b>G</b>	Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades.
<b>H</b>	Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos.
<b>I</b>	Com frequência é esquecido em relação a atividades cotidianas.

**Fonte:** elaboração própria com base no DSM-5 (2013).

Conforme visualizamos as informações do quadro I, notamos alguns aspectos específicos sobre a desatenção que impactam no desenvolvimento do aluno com TDAH, entre eles a falta de atenção no ambiente escolar, a dificuldade em desenvolver as atividades, além da problemática em realizar as tarefas solicitadas pelos professores. Porém, esses aspectos citados ocorrem de forma diferente em cada realidade vivida pelos alunos. Alguns até conseguem realizar suas atividades, mesmo enfrentando dificuldade, outros levam mais tempo, ou seja, são fatores individuais de cada um. Em muitos casos, parecem distantes quando alguém fala diretamente com eles, dando a impressão de que estão com a imaginação, criatividade e capacidade de compreensão distante do espaço que ocupa, distraíndo-se com pequenos detalhes tanto internos quanto externos ao ambiente educacional.

Essa falta de atenção faz com que os alunos tenham uma perda significativa de conteúdo, prejudicando-o nas atividades escolares, como mencionado no site da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA, 2017):

Elas têm dificuldades para manter atenção em atividades muito longas, repetitivas ou que não lhes sejam interessantes. Elas são facilmente distraídas por estímulos do ambiente externo, mas também se distraem com pensamentos “internos”, isto é, vivem “voando”. Nas provas, são visíveis os erros por distração (erram sinais, vírgulas, acentos etc.). Como a atenção é imprescindível para o bom funcionamento da memória, elas em geral são tidas como “esquecidas”: esquecem recados ou material escolar, aquilo que estudaram na véspera da prova etc. (ABDA, 2017).

Assim, o TDAH impede que esses alunos se concentrem totalmente na aula, principalmente se a atividade que o professor estiver desenvolvendo seja de forma longa, que tenha repetição ou que não seja do seu hiperfoco, resultando em uma ausência significativa de conteúdo. Ludving e Soveral (2022) acrescentam que eles se sentem pressionados em determinadas situações, pois não conseguem progredir durante as provas e possuem dificuldades simples na construção de enunciados, além dos desafios ao desenvolver leituras de textos e construir interpretações em suas atividades.

O DSM-5 menciona outras características da impulsividade e da hiperatividade, conforme vistas no quadro 03.

**Quadro 03** - Características da Hiperatividade e Impulsividade

<b>A.</b>	Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira.
<b>B.</b>	Frequentemente se levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado.
<b>C.</b>	Frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado.



<b>D.</b>	Com frequência é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente.
<b>E.</b>	Com frequência "não para", agindo como se estivesse "com o motor ligado".
<b>F.</b>	Frequentemente fala demais.
<b>G.</b>	Frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída.
<b>H.</b>	Frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez.

**Fonte:** elaboração própria segundo o DSM-5 (2013).

No quadro 03, notamos comportamentos característicos da hiperatividade e impulsividade que fazem com que a pessoa com TDAH se mova constantemente, como se remexer constantemente, se contorcer na cadeira, levantar-se quando deveria estar sentada, correr, agir sem pensar, como interromper os outros ou falar demais. Essas situações mencionadas podem ter vários impactos na sala de aula, tanto para o aluno com o transtorno quanto para os demais colegas, tornando um ambiente desafiador e dificultando a aprendizagem da turma e, principalmente, do aluno com TDAH. Portanto, essas pessoas vivem tudo de maneira muito intensa.

As autoras Fernandes e Paula (2020, p. 157) dizem que elas "tendem a sentir tudo com mais intensidade, se gostam, gostam muito; se odeiam, odeiam demais; se estão tristes, ficam arrasados. Deste modo, suas emoções são impulsivas, quase sempre falta razão". Visto isso, suas emoções são intensas, e uma simples crítica, brincadeira ou falta de entendimento em determinadas situações pode parecer devastadora. Dessa forma, é fundamental que o professor saiba lidar com esses alunos e tenha uma abordagem cuidadosa, proporcionando um ambiente em que eles não se sintam pressionados.

Infelizmente, ainda atualmente, mesmo com palestras e rodas de conversas nas escolas, muitos desses alunos são vítimas de bullying, recebendo apelidos e sendo rotulados com características negativas, conforme menciona Santana e Meireles (2021, p.14):

Eles costumam ser rotulados, como: pirado, maluco, sem noção, agressivo e bruto, age sem pensar por ser impulsivo, não presta atenção nas coisas, ou seja, fica no "mundo da lua". Esse bullying que é feito deixa marcas dolorosas, feridas, medo e um pouco de insegurança pelo que enfrentará na sua vida adulta.

Esses alunos são rotulados de maneira negativa e isso pode ocasionar marcas dolorosas para o futuro e prejudicar até mesmo sua saúde mental. Além disso, Santana e Meireles (2021) acrescentam que eles, muitas vezes, são compreendidos de forma errada e considerados desobedientes, desinteressados nos estudos, agressivos e desorganizados. Além disso, a falta de apoio e aceitação da família pode tornar a vida desses alunos mais difícil e o tratamento mais

complexo.

Portanto, o TDAH pode ter várias implicações na sala de aula e, muitas vezes, os alunos são mal compreendidos, pois apresentam dificuldades em se concentrar. Também exibem comportamentos impulsivos, com maior grau de movimentação dentro da sala de aula, dificultando totalmente sua concentração no ambiente educacional e absorvendo menos o conteúdo passado pelo professor. Assim, é essencial que o professor tenha conhecimento sobre o transtorno para compreender e lidar com o aluno de maneira adequada, evitando qualquer tipo de julgamento.

### **2.3 Ambiente inclusivo: estratégias para o ensino de Língua Espanhola**

Incluir alunos com algum tipo de deficiência ou transtorno mental é essencial para que eles possam participar plenamente das atividades no ambiente escolar, mesmo com suas limitações. Machado e Mantoan (2004, p. 77) dizem que "Toda criança é diferente. Mas todas são iguais". Desse modo, cada aluno possui sua própria forma de aprender, respeitando suas limitações e particularidades, o que não é diferente para as pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Os alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade apresentam características próprias de aprendizagem que podem gerar dificuldades no ambiente educacional, visto a presença de desatenção, hiperatividade, impulsividade ou uma combinação entre esses fatores, além do seu nível de transtorno, seja leve, moderado ou grave. Essas características podem afetar negativamente seu desempenho escolar e tornar mais difícil para os professores incluí-los de forma eficaz no processo de aprendizado.

Para auxiliar os alunos com TDAH, é essencial adotar estratégias específicas que estimulem a atenção, especialmente nas aulas de Língua Espanhola, já que esta não é a língua materna do aluno. Nesses casos, o desafio é ainda maior, pois o aluno pode ficar "no mundo da lua", sem conseguir acompanhar o conteúdo apresentado. Diante disso, a desatenção e distração podem favorecer ainda mais que qualquer estímulo externo ou interno tire o foco do aluno, dificultando ainda mais o entendimento da matéria.

Portanto, o TDAH não afeta apenas o seu comportamento, mas também pode interferir sua aprendizagem, conforme menciona Costa (2010, p. 25):

Cada professor conhece as dificuldades de aprendizagem de cada um de seus alunos. Sabemos que existem várias maneiras que o professor pode intervir positivamente na aprendizagem dos mesmos, basta que o professor saiba que o TDAH não afeta somente o comportamento do educando e sim afeta muito sua capacidade de

aprendizagem. Assim, a escola necessita assumir o papel de organizar formas que favoreçam ao máximo a aprendizagem.

Então, existem várias formas do professor contribuir de maneira positiva para melhorar esse aprendizado, sendo essencial ter o conhecimento acerca do TDAH, estudar sobre o assunto e compreender que TDAH não afeta somente a forma como o aluno age ou se comporta em sala de aula, mas sim afeta também na sua aprendizagem. Vale destacar que as dificuldades de aprendizagem, como a dificuldade em acompanhar as matérias ensinadas pelos professores, são diferentes do TDAH. Muitas pessoas que enfrentam dificuldades de aprendizagem não possuem, necessariamente, o TDAH, embora esses dois termos sejam frequentemente confundidos (Fernandes e Paula, 2020).

Segundo Neuroconecta (2022) e Maia e Confortin (2015), é essencial que o professor reconheça, valorize, tenha bondade e firmeza com o progresso dos alunos, fazendo elogios. Isso ajuda a mantê-los motivados e não os ver como alunos que lhes dão trabalho. Além disso, o uso de recursos como lembretes em agendas ou cadernos, listas de tarefas, registros de datas de provas e trabalhos em quadros de avisos e cronogramas pode auxiliar o aluno a se organizar melhor e manter o foco nas atividades escolares. Para melhorar o desempenho do aluno, Rohde e Mattos (2003, p. 209) apresentam seis estratégias:

- Estabelecer uma rotina diária clara, com períodos de descanso.
- Estabelecer consequências razoáveis e realistas para o não cumprimento de tarefas e das regras combinadas, que devem ser compreendidas por todos.
- Focalizar mais o processo que a produção. Certificar-se que as atividades são estimuladoras e que os alunos os compreendem a relevância da lição.
- Adotar uma atitude positiva, como elogios e recompensas para os comportamentos adequados.
- Usar técnicas de prevenção de situações de conflito ou comportamento disruptivo por meio de cuidadoso planejamento.
- Utilizar estratégias de ensino ativo no processo de aprendizagem.

Essas diretrizes apresentam práticas fundamentais para que o docente atue na sala para ter um ambiente eficaz para com o aluno que tenha TDAH. É essencial uma rotina diária clara, incluindo períodos de descanso, para reduzir a ansiedade e promover previsibilidade, garantindo um ambiente estimulante e que lhe chame a atenção. Segundo o ABDA (2017), quando eles fazem algo estimulante que chama seu interesse, ficam mais tranquilos. É fundamental que o professor esteja sempre abrindo espaço para falas, questionamentos ou qualquer outra intervenção do aluno, para que exista o interesse em participar da aula e não o inserir em um canto da sala, excluindo do que está sendo evidenciado e construído com os demais colegas.

Freitas (2017) pontuou uma lista de métodos em que o professor de língua estrangeira

pode usar de maneira eficaz. Ela pode ser observada no quadro 04.

**Quadro 04-** Estratégias

Duração da atividade: as atividades precisam ser breves. Caso tenha um projeto longo, ele deve ser dividido em partes, e pode ser útil dar ao aluno intervalos durante longos períodos de aula;
Grau de dificuldade da atividade: o professor deve pensar em atividades que sejam adequadas ao nível cognitivo do aluno, para que, assim, ele não se sinta frustrado ou até desmotivado em fazer a atividade. O professor pode começar com tarefas mais simples e depois ir avançando para tarefas mais difíceis à medida que sua confiança vai sendo construída.
Atividades dirigidas pelo professor: o desempenho do aluno pode melhorar quando o professor tem atenção direcionada ao aluno e quando dirige instruções claras e objetivas para ele.
Tutoria: para o aluno com TDAH ter suporte escolar/acadêmico é positivo.
Inovação: o professor pode fazer uso de novidades (cores, formas e texturas) em sala de aula para chamar a atenção do aluno com TDAH e mudar o tom de voz também pode ajudar quando quiser chamar atenção para determinado conteúdo.
Lembretes e pistas: como a desatenção é uma forte característica do TDAH, o professor deve esclarecer, sempre que possível, as regras da sala de aula.
Direito de escolha: quando o aluno tem oportunidade de escolher a atividade que vai fazer, isso pode melhorar seu comportamento durante a atividade, bem como fazer com que o aluno finalize as atividades solicitadas.
Movimento físico: o professor pode fazer uso de tarefas cinestésicas, que envolvam mexer com o corpo.
Afastar distrações: colocar o aluno sentado próximo ao professor e longe de janelas e portas pode reduzir a distração.
Planejamento prévio: é importante que o professor tenha conhecimento dos sintomas primários do TDAH, pois, assim, poderá antecipar situações problema e levar para sala de aula atividades que estejam adequadas para o aluno solucionar.
Adaptação da avaliação: alguns indivíduos com TDAH apresentam um atraso cognitivo.

**Fonte:** elaboração própria segundo Freitas (2017, p. 56).

Portanto, podemos perceber que alguns meios incentivam mais o aluno a participar das atividades propostas pelo professor, como oferecer atividades mais curtas, evitando que ele se

sinta inquieto com um número excessivo de tarefas. Além disso, é importante que essas atividades estejam no nível adequado para as necessidades do aluno. A autora também enfatiza que atividades novas, que utilizam cores, formas, texturas e envolvem movimento físico, podem tornar as aulas mais atraentes para o aluno. Além disso, podemos observar que, quando o professor dá instruções diretas ao aluno, seu desempenho tende a melhorar, já que a atenção individualizada ajuda a reduzir distrações. Colocar o aluno longe de janelas e portas também pode contribuir para melhorar a concentração.

Ramires (2022) enfatiza a importância de não tratar o aluno com indiferença e discriminação, mas atuar de maneira igualitária, proporcionando-o a mesma aprendizagem dos demais alunos, com inclusão e respeito. Ludving e Soveral (2022) destacam que o ambiente educacional seja organizado, pois elas encontram dificuldade em criar essa organização por conta própria. Dessa forma, é importante que o professor mantenha uma rotina clara e que não tenha mudanças de horários ou critérios de avaliação com frequência, para evitar confundir o aluno: “uma hora vale uma coisa, outra hora outra”.

Segundo o site Jornada Edu<sup>4</sup>, trabalhar com equipamentos audiovisuais como filmes, desenhos, vídeos animados e trechos de peças publicitárias ajuda o aluno a aprender melhor. Esses recursos pedagógicos estimulam os alunos a terem atenção de forma eficaz. Vídeos ou filmes proporcionam uma representação visual concreta do assunto abordado em sala de aula, ajudando a compreender melhor o conteúdo, tornando a aula mais dinâmica e proveitosa. Outros métodos também podem ser utilizados como revistas, gibis, jornais, desenhos, jogos de tabuleiros etc., pois, ao utilizar os textos, as imagens podem facilitar para que o aluno mantenha o foco na atividade.

Para que a aprendizagem seja eficiente, é essencial que não apenas o professor busque formas para ajudar no desenvolvimento do aluno, mas também a família, conforme menciona Ludving e Soveral (2022, p; 7):

A escola necessita de profissionais capacitados para realizar testes, avaliações e identificar maneiras adequadas de trabalhar com estes alunos em sala de aula. Deve ser realizada uma rede de apoio para identificar e passar confiança para a criança e as famílias também devem estar incluídas neste processo. Essa estratégia é de suma importância.

Assim, é necessário que os professores sejam capacitados para trabalhar com esses alunos para que a aprendizagem seja eficiente, assim como a família e a escola devem trabalhar em conjunto para promover uma educação inclusiva e eficaz, visto que a colaboração desses

---

<sup>4</sup> O conteúdo pode ser verificado no seguinte link: <https://jornadaedu.com.br/praticas-pedagogicas/alunos-com-tdah/>.

três pilares ajudará que o aluno tenha a atenção necessária para uma educação de qualidade e que esses alunos se sintam acolhidos e de fato consigam aprender os conteúdos passados pelos professores.

É igualmente importante que os professores procurem formação específica e busquem entender melhor sobre esse transtorno e métodos para que possam adaptar suas aulas e oferecer suporte, pois é essencial que os professores estejam preparados para atender às necessidades dos alunos com deficiência, adaptando suas práticas de ensino e oferecendo atividades que sejam acessíveis e adequadas às capacidades de cada aluno.

### 3 METODOLOGIA: CAMINHOS DA PESQUISA

Nesta seção, abordamos os caminhos trilhados para a realização da pesquisa, suas características, tipo, universo e construção do *corpus*.

#### 3.1 Caracterização e tipo de pesquisa

Para a realização deste trabalho, foi importante construir quais procedimentos e instrumentos somariam positivamente no desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente, a sua abordagem tem caráter dedutivo. Oliveira (2005, p. 29) destaca que esse método “parte-se dos princípios já reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis para se chegar a determinadas conclusões”. O método dedutivo é adequado para compreendermos as estratégias de ensinos e seus desafios em nosso trabalho, já que, primeiro, veremos as teorias para, depois, partirmos para uma coleta e análise do *corpus* por meio de um questionário. Isso será feito para uma melhor compreensão da realidade das professoras de uma instituição, com o intuito de entender como essas práticas ajudam os alunos em sua aprendizagem durante as aulas. Assim, o foco central do trabalho é coletar dados que apresentem os desafios e estratégias utilizados para o ensino de TDAH nas aulas de língua espanhola. Além disso, utilizamos uma abordagem qualitativa. Borba (2004) comenta que esse tipo de abordagem

prioriza procedimentos descritivos à medida em que sua visão de conhecimento explicitamente admite a interferência subjetiva, o conhecimento como compreensão que é sempre contingente, negociada e não é verdade rígida. O que é considerado “verdadeiro” (Borba, 2004, p. 2).

Portanto, como diz o autor, a pesquisa qualitativa é uma abordagem que não prioriza números ou dados, mas sim a compreensão e descrição de fenômenos, levando em conta as percepções individuais, valorizando, assim, a particularidade de cada caso.

Como procedimento técnico, utilizamos a pesquisa de campo, visando a construção e a coleta do *corpus*. Nesse tipo de investigação, a priorização se concentra em definir o propósito da análise para que o pesquisador tenha maior interação com o objeto da pesquisa, como cita (Gil, 2002). Inicialmente, foi traçado como ocorreria a logística até o local e a disponibilidade dos sujeitos colaboradores para a análise no seu campo de atuação. Diante dessas circunstâncias, esse processo qualifica essa pesquisa como de campo.

A pesquisa também é de caráter exploratório, conforme destaca Prodanov (2013), pois esse tipo de pesquisa proporciona uma compreensão mais ampla do assunto, podendo também

chegar a descobrir novas hipóteses. Portanto, esse tipo de estudo nos proporcionará maior flexibilidade para identificar novos métodos ou confirmar os procedimentos que já são existentes.

A amostra na pesquisa é de suma importância para sua formação, tendo em vista que é através dela que existe a possibilidade de o pesquisador determinar a quantidade de sujeitos envolvidos ou não na mediação do estudo, conforme cita (Oliveira, 2005). Nesse trabalho, utilizamos um grupo de indivíduos específicos para a área de atuação: professores de língua espanhola da rede básica de ensino. Essa representatividade enfatiza o tipo de amostragem não probabilística, pois reforça a ideia do processo de seleção dos elementos para o resultado.

Assim, para a obtenção das respostas através das professoras de língua espanhola, elaboramos um questionário, pois é um importante mecanismo para coleta de dados. Com ele, conseguimos alcançar um número maior de pessoas para sua formulação, já que muitos indivíduos conseguem respondê-lo de forma acessível, sem precisar que o pesquisador esteja diretamente reforçando o princípio dessa ferramenta. Nessa pesquisa, o formulário serviu como uma grande fonte técnica de informações e auxiliou como um norteador para o foco das análises, conforme cita (Oliveira, 2005). Dessa forma, apresentaremos, a seguir, um resumo dos métodos utilizados na pesquisa.

**Tabela 1 - Métodos**

<b>Pesquisa</b>	<b>Características</b>
<b>Abordagem</b>	Qualitativa
<b>Método</b>	Dedutivo
<b>Procedimento técnico</b>	Pesquisa de campo
<b>Amostra</b>	Não probabilística
<b>Instrumento</b>	Questionário semiestruturado
<b>Tipo de pesquisa</b>	Exploratória

**Fonte:** elaboração própria (2024).

Portanto, esse modelo de estudo nos permite compreender melhor a visão do professor e a realidade de sua sala de aula, além de analisar como suas práticas influenciam as aulas com alunos com TDAH, utilizando perguntas semiestruturadas que buscam obter essa compreensão.



### 3.2 Universo e construção do *corpus* da pesquisa

O universo da pesquisa é compreendido a partir do espaço onde é realizado. Neste trabalho, o universo é em uma escola pública da rede municipal, na cidade de Portalegre, no estado do Rio Grande do Norte, localizada a 368 km da capital do estado, Natal. O município foi fundado em 08/12/1761 e passou a ser conhecido por diferentes nomes ao longo do tempo: Serra dos Dormentes (1968), Serra de Santana (1950) e Vila de Portalegre (1761), até chegar a ser chamada de Portalegre, em homenagem a uma vila de Portugal. A cidade possui, atualmente, 7.909 habitantes.

A escolha da cidade de Portalegre se deu ao fato de ser uma das poucas cidades do Rio Grande do Norte a oferecer o ensino de Língua Espanhola nas redes de ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano. Diante disso, selecionamos uma escola do município que atende alunos desde Ensino Fundamental I e II, com idades entre 6 e 15 anos. A escola possui uma boa estrutura, com 19 salas de aula, incluindo uma destinada ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), que conta com três profissionais capacitadas. Nesse espaço, a escola oferece recursos multifuncionais, com materiais didáticos e ferramentas específicas para atender alunos com necessidades especiais, incluindo aqueles com TDAH, TEA, síndrome de Down e deficiência intelectual leve, entre outros.

Ademais, para a construção do *corpus*, convidamos duas professoras da mencionada instituição, explicamos o objetivo da pesquisa, reforçando a importância da participação de ambas, uma vez que, as discussões levantadas são de grande relevância para o ensino de LE.

Iniciamos com a professora A, do sexo feminino, que tem entre 40 e 49 anos, e leciona como professora a mais de 10 anos, com formação em Língua Espanhola desde 2009 e com especialização em Docência em Língua Espanhola desde 2010. A professora B, também é do sexo feminino, com idade entre 30 e 39 anos, formação em Letras Espanhol, concluída no ano de 2010, e especialização em Docência em Letras Espanhol, em 2012, e possui mais de 10 anos de atuação como professora no município. Constatamos que as professoras/colaboradoras têm formação na área de atuação e um tempo considerado de experiência, pois 10 anos já possibilita uma grande vivência na educação.

Após o aceite das professoras, solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), esclarecemos os riscos e comunicamos que, por uma questão de ética, os nomes das professoras colaboradoras não seriam divulgados, mencionados. Diante disso, usaremos nas análises os nomes professora A e professora B.

O questionário semiestruturado foi construído com 10 (dez) questões, como serão vistas na seção de análise. A pedido das colaboradoras, enviamos o questionário por meio do WhatsApp e a devolutiva também ocorreu pelo mesmo meio, o que facilitou o entendimento das respostas, já que foram digitadas.

Após a coleta das informações via questionário, foi possível realizarmos uma análise descritiva dos métodos das professoras e entender se as abordagens adotadas em suas aulas são diferentes das recomendadas pelos estudiosos, visto que cada aluno tem sua própria dificuldade ou se seguem a mesma linha de pensamento sugeridas para o ensino. Contudo, reforçamos todo o cuidado com os instrumentos e *corpus* da pesquisa, enfatizando às professoras da escola que estamos à frente do projeto como pesquisadora e não como pessoa crítica a metodologias aplicadas no seu ensino na sala de aula, deixando de fora o julgamento e o preconceito, uma vez que papel principal diante dessas professoras é aprender a partir dos seus conhecimentos ao longo desses anos atuando na educação pública.

#### 4 ANALISANDO OS DESAFIOS E AS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA NA VISÃO DOCENTE

Para a nossa análise, apresentamos as respostas de duas professoras/colaboradoras e, para preservar suas identidades, as chamaremos de professora A e professora B. Para melhor compreensão, destacaremos as respostas em tabelas separadas.

Na sequência das análises, procuramos identificar os principais desafios enfrentados pelas professoras de espanhol no trabalho com alunos com TDAH e entender as estratégias que elas utilizam para promover a inclusão desses estudantes. Dessa forma, buscamos compreender melhor a realidade dessas educadoras no contexto escolar. Para isso, elaboramos um conjunto de perguntas que nos permitiu explorar tanto as práticas adotadas quanto as percepções das professoras sobre as necessidades dos alunos com TDAH.

Dando continuidade, veremos as perguntas e as respostas enviadas pelas professoras. Na primeira pergunta, indagamos às professoras/colaboradores sobre suas vivências.

##### Quadro 05 – Perguntas e respostas

**Pergunta 1:** Diante das suas vivências, na sala de aula, quanto professora, quais são ou quais foram as maiores dificuldades ao ensinar alunos com TDAH durante as aulas de língua espanhola?

(Professora A) São inúmeras as dificuldades enfrentadas na sala de aula com os estudantes que são diagnosticados com TDAH, a primeira é o próprio diagnóstico que muitas das vezes sabemos que possuem esse transtorno, mas não são diagnosticados; outra dificuldade é a aceitação da família, que nem sempre aceita que seus filhos tenham esses transtornos, a falta de conhecimentos e preconceito também dificulta o nosso trabalho; uma das maiores dificuldades mesmo é fazer com que esses estudantes mantenham concentrado nas aulas, o transtorno muitas das vezes dificulta demais a concentração dos estudantes, a inquietude deles também é outro obstáculo, muita das vezes a agitação impede que se concentrem; um outro problema enfrentado é o preconceito que gera nos outros estudantes que nem sempre conhecem ou entendem esse transtorno.

(Professora B) Minhas maiores dificuldades na sala com alunos com TDAH são diversas. Primeiro, porque na minha formação acadêmica, pelo menos na minha época na grade

curricular, não havia nenhuma disciplina voltada para trabalhar com esses alunos com deficiência. Outra dificuldade é que tem turmas que de 3 ou 9 alunos com deficiência com um universo diferente, com situações diferentes. Então, quando chego na sala de aula, principalmente com turmas grandes de 27 a 30 alunos, onde tem o mesmo transtorno, mas com realidades de aprendizagem diferentes.

Fonte: elaboração própria.

As respostas das professoras revelam diversos fatores que influenciam o trabalho com alunos com TDAH. A professora A, por exemplo, destaca a falta de um diagnóstico precoce, o que dificulta intervenções adequadas desde o início ao estudante, seja dentro ou fora do ambiente escolar. Além disso, menciona a resistência de algumas famílias em aceitar o diagnóstico, pois muitas famílias não aceitam que seu filho tenha algum tipo de transtorno ou deficiência. Levando em consideração Santana e Meireles (2021), a resistência familiar pode interferir na vida do estudante, ou seja, essa resistência familiar pode trazer dificuldades para a aprendizagem e para a atuação do professor. Além disso, a falta de apoio familiar pode até agravar a situação do aluno, comprometendo ainda mais seu desenvolvimento.

Outras dificuldades envolvem a falta de conhecimento sobre o transtorno e o preconceito, já que, como mencionado por Fernandes de Paula (2020), pessoas com TDAH são frequentemente vistas de forma negativa, como imaturas ou com comportamentos inadequados, o que contribui para o preconceito, muitas vezes, por falta de conhecimento sobre o transtorno. Além disso, a professora A também diz que outra dificuldade é em manter esses alunos concentrados durante as atividades, já que a falta de concentração é uma das maiores características do TDAH, e a inquietude. A professora também menciona o preconceito dos outros estudantes, o que pode fazer com que enxerguem seus colegas com TDAH como pessoas diferentes, podendo gerar até mesmo bullying, no ambiente escolar, com esses estudantes.

Já a professora B comenta de forma diferente, ao dizer que a falta de preparação específica durante sua formação acadêmica dificultou seu trabalho, pois, na época em que era estudante, a grade curricular da universidade não incluía disciplinas voltadas para a educação especial, porém, podemos mencionar que essa realidade ainda precisa melhorar, pois o curso de Letras continua não tendo disciplinas voltadas para o trabalho com esse público. Diante disso, a professora sentiu dificuldades quando percebeu a necessidade de atender aos alunos, devido à falta de preparo específico.

Outra dificuldade destacada são as salas de aula lotadas com alunos que têm o transtorno, em que cada um possui seu próprio universo e diferentes realidades de

aprendizagem. Portanto, de acordo com a resposta da professora, cada aluno aprende de forma única. Como destaca Freitas (2017), o aluno é um “indivíduo único que aprende da sua maneira”. Isso significa que cada estudante, com ou sem TDAH, tem seu próprio modo de aprender e processar os conteúdos.

Na segunda pergunta direcionamos a questão para a utilização de recursos que chamem a atenção dos alunos.

**Quadro 06** – Perguntas e respostas II

**Pergunta 2:** Você faz a utilização de algum recurso musical ou visual para conseguir o foco dos alunos? Se sim, como você percebe a interação deles durante esses momentos de aprendizagem?

(Professora A) Sim. Buscamos várias estratégias para prender a atenção desses estudantes, buscamos músicas, vídeos (curtos porque se for longos não conseguem manter o foco); as imagens são bastante exploradas pois os mesmos conseguem focar mais; há diversas formas reações quando se aplicar atividades como essas citadas acima, cada estudante reage de uma forma, uns mantem o foco por mais tempo, outros não, mas, de modo geral essas atividades costumam gerar um efeito mais produtivo.

(Professora B) Sim, eu utilizo de tudo. Eu utilizo desde o vídeo do *YouTube* e vou pausando porque eu acredito que quando pego um vídeo bem atrativo e vou pausando para ir dando as minhas explicações, parando, comentando, pedindo a eles que participem, acredito que eu consigo mais a atenção deles. Eu percebo que consigo mais a questão visual do foco, de olhar para mim quando eu trago esse tipo de atividade, quando eu trago um vídeo específico, e se eu deixar para fazer os comentários no final, eles se perdem, não conseguem entender. Então eu vou pausando, fazendo comentários, envolvendo-os e assim a gente vai vendo acontecer e o aprendizado vai acontecendo aos poucos.

**Fonte:** elaboração própria.

Com a resposta da professora A, observamos que ela utiliza vídeos e músicas curtas para manter o interesse dos alunos, destacando que quando esses recursos são longos, eles tendem a perder o foco. Isso se semelhança com a ABDA (2017), quando destaca a dificuldade desses alunos em manter a atenção em atividades prolongadas, com longa duração, já que se distraem facilmente. A professora também mencionou o “uso de imagens” como aliadas para

manter o foco dos estudantes, no entanto, ela ressalta que cada aluno é diferente, pois alguns conseguem se concentrar e outros perdem o interesse mais rapidamente.

Já a professora B destacou que também utiliza esses recursos, pois percebe que consegue manter melhor a atenção e o foco dos estudantes. Além disso, ela ressaltou um método importante para conseguir que os alunos com TDAH não fiquem perdidos: quando utiliza os recursos de vídeos ou músicas pausando em momentos estratégicos para fazer comentários e incentivar a participação dos alunos. Ela observou que essa prática ajuda os alunos a aprenderem mais e, quando não as faz para explicar e comentar, os alunos, muitas vezes, ficam perdidos. Esse ponto enfatizado pela professora é de extrema importância, especialmente considerando que o espanhol é uma língua estrangeira, língua diferente da materna dos alunos, o que pode dificultar ainda mais o aprendizado.

A partir das respostas das professoras, podemos perceber uma semelhança com o que é encontrado no site Jornada Edu, que diz que o uso de vídeos é um recurso bom para trabalhar com alunos com TDAH. Além disso, o uso de imagens e músicas torna a aula mais dinâmica e divertida, facilitando a compreensão dos conteúdos. Dessa forma, os alunos são incentivados a sair do ensino tradicional, despertando maior interesse pela aula e promovendo uma aprendizagem mais inclusiva. Freitas (2017) também destaca a importância de buscar abordagens e métodos inclusivos para instigar esses alunos na sala de aula, como o exemplo da professora B, que utiliza práticas de pausar a música e os vídeos para que os alunos possam acompanhar o conteúdo apresentado.

Dando continuidade, a terceira questão busca compreender quais métodos as professoras consideram necessários para o ensino.

#### Quadro 07 – Perguntas e respostas III

**Pergunta 3:** Quais atividades e métodos você considera fundamentais no processo de ensino da Língua Espanhola? Os mesmos podem ser utilizados com os alunos diagnosticado com TDAH?

(Professora A) As atividades trabalhadas em sala de aula muitas das vezes são as mesmas para os alunos da sala regular, as adaptações dependem de intelecto, caso haja necessidades as atividades sofre adaptações que são os mesmos objetos do conhecimento dos estudantes da sala regular, todavia buscamos apresentar mais imagens, múltiplas escolhas, respostas

objetivas e subjetivas curtas; textos curtos e de fácil compreensão, a oralidades também é um recurso bastante importantes para os estudantes com TDAH.

(Professora B) Utilizo desde o tradicional ao comunicativo, eles têm os seus momentos importantes. Acho que até o audio-lingual, muitas vezes, é necessário pois envolve escuta e leitura. Agora, nenhum, eu acredito, é completo. Nem o próprio comunicativo é um estudo completo, seja o aluno com deficiência ou o aluno sem deficiência. Hoje em dia, como professora, percebo que, ao facilitar o aprendizado de um aluno com alguma limitação, conseguimos beneficiar também o aluno que possui dificuldade, mas também que não tem deficiência, ele também aprenderá mais.

**Fonte:** elaboração própria.

A primeira resposta destaca que as atividades em sala de aula costumam ser as mesmas para todos os alunos, porém, com adaptações, se houver a necessidade e o nível intelectual de cada um. Para essas adaptações, a professora sugere o uso de recursos visuais como imagens, questões de múltipla escolha e textos curtos e objetivos, visando facilitar o aprendizado dos alunos. Freitas (2017) também diz que o professor, ao aplicar uma atividade, tem que ser de acordo com o nível cognitivo do aluno. Ela também ressalta a importância da oralidade no processo de ensino, por seu papel relevante na compreensão dos conteúdos.

Já a professora B, por sua vez, destaca a importância de utilizar uma variedade de recursos, que vão desde métodos tradicionais até o comunicativo. Ela enfatiza o método áudio-lingual, acreditando que essa estratégia beneficia tanto alunos com TDAH quanto aqueles sem dificuldades, tornando o ensino mais inclusivo e acessível. Ludving e Soveral (2022) afirmam que é essencial que os professores desenvolvam estratégias que atendam tanto as limitações quanto as necessidades dos alunos com deficiência. Dessa forma, as respostas obtidas indicam que ambas as professoras reconhecem a relevância da adaptação e de estratégias de ensino para promover um ambiente inclusivo para todos os alunos.

Em seguida, buscamos entender se a professora conta com o suporte tanto da escola quanto da família dos alunos, como veremos na questão 4.

#### **Quadro 08** – Perguntas e respostas IV

**Pergunta 4:** Você tem apoio da escola e da família?

(Professora A) Sim e não, pois como já citei alguns familiares são resistentes ao diagnóstico TDAH, todavia os que abraçam a aceitação dos seus filhos nos ajudam bastante sempre nos procurando para saber os avanços dos seus filhos; infelizmente alguns pais não compreendem as limitações dos seus filhos gerando um super protecionismo dificultando o nosso trabalho. A escola nos apoia buscando formação na área e com os recursos didático para as nossas aulas.

(Professora B) Da escola sim, tenho o apoio, mas da família, é complexo, porque a gente trabalha com uma diversidade de famílias, onde tem famílias atuantes e tem estudantes que vêm porque têm vontade de vir. E tem outros que vêm porque a família obriga, mas não por causa do aprendizado, por causa dos programas sociais que existem, ou por causa de um conselho tutelar. Quando o aluno é acompanhado em casa, quando os pais, os avós, vem até a escola e pergunta como é que tá e se procura ajudar no tempo necessário, é diferente.

**Fonte:** elaboração própria.

Diante da resposta da professora A, podemos perceber que o apoio da família é variável, mencionando que há pais que são resistentes ao diagnóstico do TDAH. A professora também destaca a superproteção dos pais por não compreenderem as limitações dos seus filhos, o que pode impedir que o aluno desenvolva a autonomia e habilidades necessárias, enquanto alguns, por outro lado, aceitam o diagnóstico e estão presentes procurando se informar sobre o processo de aprendizagem do aluno com o transtorno de déficit de atenção e acabam contribuindo no processo do aluno, além da escola que oferece recursos aos professores com formações e recursos didáticos.

Já a professora B destaca que recebe o apoio da escola, mas, em relação à família, é mais complexo, pois existem vários perfis: algumas são participativas e demonstram interesse pelo aprendizado dos filhos, enquanto outras não são presentes no ambiente educacional e os alunos vão para escola para não serem cortados de programas sociais que exigem a presença do aluno, como o bolsa família, que exige que o aluno necessita de 75% de presença, como um requisito fundamental, com o intuito de manter tanto a criança como o adolescente na escola, sendo a escola o responsável por fazer esse monitoramento para o governo (G1, 2024). Contudo, a professora diz que tanto os pais como os responsáveis por esses alunos mostram interesse e visitam a escola, perguntam sobre o desempenho do aluno e se envolvem no processo, sendo o resultado muito melhor nesses casos.

Diante dessas respostas obtidas por ambas as professoras, podemos perceber que,



quando os familiares participam e vão até a escola para buscar informações sobre o progresso do aluno, suas dificuldades e como podem contribuir, o processo de aprendizagem tende a melhorar, voltando a ressaltar que, muitas das vezes, é na escola que o aluno com Transtorno de Déficit de Atenção é identificado (Fernandes e Paula, 2020). Portanto, é importante a parceria entre professores e familiares para que qualquer dificuldade possa ser detectada e abordada de maneira adequada.

Ademais, buscamos também entender como que é o progresso desses alunos com TDAH em relação à turma, como podemos observar no quadro 09.

**Quadro 09** – Perguntas e respostas V

**Pergunta 5.** Como você ver o progresso dos alunos com TDAH nas aulas de Espanhol em relação aos demais colegas? Existe um avanço significativo?

(Professora A) Cada estudante aprende de forma diferente mesmo os que não possuem esses transtornos, assim fica difícil falar de um modo geral, pois, cada estudante tem seu próprio tempo no processo de aprendizagem; uns é perceptível o avanço na aprendizagem enquanto outros não.

(Professora B) Existe um avanço significativo, às vezes o avanço é igual. Vai depender do nível do TDAH, vai depender da forma que eu consigo chegar nesse aluno através das metodologias que eu trago, da didática, onde irá ter coisas muito positivas, e vai ter momentos que eu não vou conseguir chegar aonde queria. As vezes uma atividade deu certo e a outra não chama a atenção do aluno com TDAH, principalmente porque é um público que às vezes passamos algo e acham legal, já quando passamos novamente, torna cansativa para eles. Você tem que estar inovando, fazendo coisas diferente, onde vejo que a disciplina de espanhol, é uma das disciplinas que eles gostam e que conseguem aprender, e que conseguem ter foco.

**Fonte:** elaboração própria.

Assim, conforme a primeira resposta, a professora enfatiza que cada aluno aprende de uma forma diferente, o que é naturalmente normal, ele tendo TDAH ou não. Voltando a mencionar Freitas (2017), cada pessoa aprende de uma maneira, uns com mais facilidade e outros não. Portanto, a professora enfatiza que é difícil falar sobre o avanço dos alunos com TDAH em relação aos demais, porém, destaca que os alunos mostram progresso visível, enquanto outros têm mais dificuldade de acompanhar o conteúdo.

Já com a segunda resposta, podemos perceber que a professora vê o progresso desses alunos de uma forma que pode variar bastante. O progresso depende do nível de TDAH do aluno, uma vez que, conforme visto no DSM-V, o TDAH pode variar entre os tipos combinado, desatento e hiperativo/impulsivo, com níveis de gravidade que variam entre leve, moderado e grave, apresentando características diversas que irá variar entre um aluno e outro, já que alguns podem ter mais dificuldade para manter a atenção, enquanto outros mostram características diferentes e conseguem se concentrar melhor, o que irá fazer com que cada um aprenda de uma forma, seja com mais facilidade ou com pouca.

Além disso, também depende de como ela consegue adaptar suas metodologias para chamar a atenção e ajudar no aprendizado, como diz Fernandes e Paula (2020), já que o professor precisa adaptar suas metodologias para integrar o aluno na sala de aula. Porém, a professora B continua dizendo que, em alguns momentos, ela conseguirá ter um bom progresso durante a aula, enquanto em outros não, já que os alunos com TDAH perdem o interesse rapidamente, principalmente se as atividades não forem interessantes (Abda, 2017).

Em seguida, para entendermos como que ocorre a adaptação dos materiais, realizamos as indagações presentes no quadro 10.

**Quadro 10** – Perguntas e respostas VI

**Pergunta 6.** Você faz algum tipo de adaptação das atividades desses alunos? Como ocorre e a partir de que materiais e recursos?

(Professora A) Sim, fazemos adaptações das atividades caso haja necessidade, de acordo com o cognitivo do estudante adaptamos com atividades mais subjetivas, com múltiplas escolhas, imagens, auditivas e oral.

(Professora B) Sempre faço adaptação. Tenho um livro o nível das atividades mais fáceis, e se o livro tiver a temática do tema que estou trabalhando na sala eu utilizo. Se não, eu pego o tema que estou trabalhando e adapto com questões de marcar, com questões de escolha, com questões para colorir. Então eu vou para a situação que ele consiga aprender.

**Fonte:** elaboração própria.

A professora A respondeu que faz as adaptações, porém, somente se houver necessidade, ou seja, se ela perceber que a atividade proposta possa ser feita conforme atenda à necessidade e limitação do aluno, não faz a adaptação. Além disso, ela diz que faz o uso de

atividade subjetivas para facilitar a compreensão, com questões de múltiplas escolhas, com imagens e estímulos auditivos e orais. Já na segunda resposta, podemos perceber que a professora B sempre faz as adaptações com livros que possuem atividades mais simples, utilizando nos momentos necessários. Caso contrário, se não houver o tema em que ela está trabalhando, elabora atividades com questões de marcar, com questões de múltiplas escolhas e com questões para colorir conforme sua limitação para aprender.

Portanto, as professoras realizam adaptações no processo de aprendizagem de seus alunos considerando as necessidades de cada um. Essas práticas mencionadas buscam garantir a inclusão dos alunos com necessidades especiais, de acordo com o que estabelece a Lei Brasileira de Inclusão (Lei Nº 13.146/2015), que assegura o direito à educação para todos. Assim, as professoras A e B demonstram o compromisso e cuidado com os alunos para diminuir as dificuldades para seu aprendizado.

Para compreendermos quais atividades elas percebem que os alunos ficam mais interessados, realizamos a pergunta presente no quadro 11.

**Quadro 11** – Perguntas e respostas VII

**Pergunta 7.** Quais tipos de atividades você pode perceber que eles ficam mais focados e interessados na aula?

(Professora A) Sem dúvidas com imagens e som, textos muitos longos costumam dispersar mais os estudantes com TDAH, assim textos curtos e objetivos prendem mais a atenção deles.

(Professora B) Vídeos, músicas, às vezes eu pego um episódio do Chaves que está de acordo com a temática em espanhol, onde eles ficam sem entender, assim vou pausando para que eles consigam entender. A música eu passo diversas vezes, e vou desenvolvendo metodologias para que eles realmente leiam. Fico naquele joguinho, dizendo que vou dar uma nota, começo com a nota X e vou aumentando, envolvendo-os no contexto.

**Fonte:** elaboração própria.

Podemos perceber que as respostas são semelhantes. A professora A comenta que imagens e sons costumam manter o foco dos alunos com TDAH, voltando a enfatizar que os textos longos tendem a mantê-los dispersos, utilizando textos curtos e diretos que lhes chamem a atenção. Ela acredita que a simplicidade e a clareza nas atividades ou métodos são essenciais para evitar que os alunos percam a atenção.

Já a professora B menciona que utiliza abordagens mais dinâmicas, como vídeos,

músicas e até episódios do Chaves, quando há uma conexão com o tema da aula, para envolver os alunos e tornar as aulas mais interativas. O site Jornada Edu destaca que o uso de equipamentos audiovisuais é uma estratégia eficaz para atender às necessidades desses alunos. A professora menciona que usa metodologias para ter um ambiente participativo por parte desses alunos, como na leitura com o jogo de recompensas, para tornar a aula mais interativa e interessante, estimulando os alunos no conteúdo.

Podemos perceber que as duas fazem a utilização de métodos distintos, pois a professora A destaca que faz a utilização da simplicidade e objetividade dos textos e a professora B utiliza recursos interativos. Ambas as utilizações dos professores são recomendadas para alunos com TDAH, adotando práticas inclusivas, porém, cada uma diferente, de acordo com a realidade de seus alunos com o Transtorno de Déficit de Atenção.

Conforme Fernandes e Paula (2020, p. 157), “a didática em sala de aula tem o compromisso de facilitar e melhorar a concentração do aluno nos temas, nas atividades, buscando assim meios que o motivem a prestar atenção, usando de meios audiovisuais e/ou sensoriais”. Desse modo, as didáticas das professoras ajudam os alunos a focarem nas aulas com métodos mais interessantes que buscam meios para tornar o aprendizado mais acessível.

Na próxima pergunta, apresentada no quadro 12, questionamos se a professora contava com algum tipo de apoio ou material específico para o ensino.

#### Quadro 12 – Perguntas e respostas VIII

**Pergunta 8:** Você já procurou algum apoio de especialistas ou materiais específicos para ensinar línguas estrangeiras de forma inclusiva e eficaz?

(Professora A) Apoio de especialista não, embora as formações que tivemos nessa área tenha nos esclarecido bastante algumas dúvidas que possivelmente tínhamos, com relação aos materiais não temos dificuldades pois encontramos inúmeras atividades disponível na internet cabendo a nós adaptá-los como nos convém.

(Professora B) Sempre estou conversando com as professoras do AEE, sobre determinadas atividades que eles conseguem fazer e até onde eu posso ir, em que caminhos eu posso percorrer. Buscar a internet, que ela é uma facilitadora, mas nem tudo que é oferecido na internet a gente pode usar.

**Fonte:** elaboração própria.

Na resposta da professora A, ela menciona que não procurou apoio de especialistas, mas

que as formações que teve na área enquanto professora ajudaram a esclarecer várias dúvidas que tinha em relação ao transtorno. Quanto aos materiais, ela não encontra dificuldades, pois há muitas atividades disponíveis na internet que ela adapta conforme necessário. A professora B ressalta que está sempre conversando com as professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para entender quais atividades os alunos conseguem fazer e até onde pode ir com eles. Ela utiliza a internet como recurso, mas ressalta que nem tudo o que está disponível online é adequado para uso.

De acordo com o que foi mencionado pela professora B, percebemos que ela destaca que nem tudo o que está disponível na internet é, de fato, viável para uso, embora ambas as professoras utilizem a internet como recurso para buscar atividades, é preciso ter cuidado e demonstrar atenção nas atividades a serem aplicadas. Além disso, observamos que a professora A demonstra sua própria independência em sua capacidade de adaptar os conteúdos para atender aos alunos.

Por outro lado, a professora B enfatiza a análise cuidadosa dos recursos, contando com o apoio dos profissionais do AEE para avaliar suas atividades, porém, Ludving e Soveral (2022, p.13) dizem que “alunos com TDAH não são públicos do AEE”, mas sim dos psicopedagogos, e acrescenta que a escola precisa de profissionais capacitados para atender aos alunos com TDAH, porém, essa não é uma realidade em todas as escolas com profissionais capacitados em psicopedagogia.

Assim, para finalizar, a última pergunta foi para entendermos sobre a visão do professor em relação à inclusão, como pode ser observada no quadro 13.

**Quadro 13** – Perguntas e respostas IX

**Pergunta 9:** Para você, qual a importância da inclusão na sala de aula?

(Professora A) Se faz necessário a interação social no âmbito escolar, é importante ressaltar que o TDAH não é uma doença e tão pouco contagiosa, é um transtorno que se pode conviver com os demais indivíduos, incluir essas crianças na escola é uma forma de compreender e conviver com esse transtorno de forma respeitosa e amigável, assim, é de extrema importância incluir os estudantes com TDAH na escola a fim, de quebrar preconceitos e estereótipo acerca desse transtorno e não desmerecer a todos.

(Professora B) Para mim, inclusão não é apenas trazer uma atividade específica para um aluno, é fazer com que ele se sinta parte da turma. É criar um ambiente onde todos compreendam que aquele

colega tem uma limitação diferente, mas que juntos podem facilitar a aprendizagem dele. Quando consigo que a turma entenda, por exemplo, que não podemos bater palmas porque aquele aluno tem sensibilidade auditiva, isso é inclusão. Às vezes, pensamos que inclusão se resume ao aprendizado e às habilidades de uma disciplina, mas não é só isso; é um conjunto de fatores, um complemento que permeia toda a sala de aula. Inclusão é fazer com que o aluno realmente se sinta acolhido, como parte do grupo, que ele se sinta bem ao estar ali. E quando conseguimos que ele se sinta à vontade e motivado a participar, isso é mais valioso do que o conteúdo em si.

**Fonte:** elaboração própria.

A professora A destaca que o TDAH não é uma doença contagiosa, mas sim um transtorno que pode ser entendido através da convivência, enfatizando a necessidade de um ambiente escolar que seja respeitoso e acolhedor, quebrando quaisquer barreiras de preconceito. Com a resposta da professora B, percebemos que, para ela, a inclusão não se resume somente em adaptar atividades para um aluno, vai além disso. Trata-se de incluí-lo em um ambiente onde ele se sinta bem e motivado e não se sinta retraído, onde os colegas de classe respeitem e promovam uma verdadeira integração sem deixar o aluno com TDAH por fora da turma.

Portanto, para ela, a verdadeira inclusão envolve diversos fatores: adaptar o conteúdo, ter empatia e respeito pelo aluno, além de fazer com que os colegas compreendam e apoiem a diversidade. Um exemplo prático, como dito pela professora B, é fazer que a turma compreenda a não bater palmas, pois entendem que aquele aluno tem sensibilidade auditiva. Por fim, ela menciona a importância de fazer com que o aluno se sinta bem e acolhido, ressaltando que essa inclusão é mais valiosa do que simplesmente adaptar uma atividade e deixar o aluno com deficiência isolado no canto da sala, algo que ainda ocorre em muitas escolas.

Com as falas das duas professoras, podemos perceber que a inclusão envolve diversos fatores que vão além de adaptar uma atividade específica. Trata-se de criar um ambiente que acolha as diversidades e desafios de cada aluno e inclui-lo em todo momento. Como afirma Ramires (2022), não devemos tratar esses alunos com indiferença, inclui-lo é fazer com que esses estudantes com necessidades especiais se sintam bem e acolhidos de forma igualitária, tanto pelos professores, colegas, gestores, quanto por todo o corpo escolar e a família, pois, como diz Ludving e Soveral (2022), incluir não é somente responsabilidade do professor, pois é preciso que a escola esteja promovendo um verdadeiro espaço de respeito e empatia.

Portanto, podemos perceber, diante das falas das professoras, que elas estão sempre buscando fazer com que esses alunos se sintam acolhidos. Para isso, utilizam atividades que atendam as suas limitações, indo além do ensino tradicional e buscando novas formas de

incentivar o interesse e a atenção desses alunos no ambiente escolar. Vale ressaltar que a escola é fundamental para a conscientização e funciona como um importante norteador no que se refere aos primeiros sinais, pois é nesse ambiente educacional que são identificados muitos dos casos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender quais os desafios e estratégias adotadas por professores de língua espanhola no município de Portalegre-RN, para com os alunos com TDAH, para, assim, analisar sobre as estratégias de inclusão desenvolvidas por elas durante suas aulas e refletir sobre seus principais desafios durante as aulas de língua espanhola com os alunos com TDAH. Assim, a pesquisa ressaltou o quão complexo é o ensino para esses alunos, no qual os professores precisam criar meios estratégicos para que consigam melhorar a atenção e abordagens inclusivas para atenderem às possíveis dificuldades dos alunos como desatenção, hiperatividade e impulsividade.

A partir da análise das respostas obtidas das professoras, percebemos que uma das dificuldades é que, durante a graduação, os docentes não recebem algum tipo de suporte necessário sobre como trabalhar com alunos com algum tipo de deficiência. Com isso, essa falta de formação traz dificuldades, principalmente para novos professores que ainda não possuem experiência suficiente para lidar com as limitações dos alunos. Além disso, a relação familiar exerce forte influência no progresso educacional do aluno, pois muitas famílias ainda apresentam resistência ao diagnóstico de TDAH, o que pode comprometer o acompanhamento necessário no processo de aprendizagem.

O preconceito e a falta de conhecimento sobre o TDAH contribuem para os desafios enfrentados pelos professores. Muitas pessoas não conhecem sobre o transtorno e não buscam entender sobre, por isso, tendem a julgar os comportamentos desses alunos, sem compreender suas características e limitações. Porém, outro grande obstáculo relatado é a dificuldade em manter esses alunos concentrados durante as aulas, uma vez que se distraem com facilidade, assim, exigindo com que os professores façam adaptações nas suas estratégias e ensino para que consigam favorecer o engajamento desses alunos nas aulas e atenção nos conteúdos que estão sendo passados.

Contudo, é possível destacar que aulas mais interativas, com o uso de vídeos, músicas, desenhos e imagens, são grandes aliadas na captação da atenção dos alunos com TDAH. Além disso, atividades curtas com textos breves ajudam a evitar que os alunos se sintam sobrecarregados, favorecendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo e colaborando para sua aprendizagem. Além disso, manter o aluno próximo ao professor pode aumentar seu incentivo e motivação durante as atividades, favorecendo um apoio imediato tanto nas realizações das atividades quanto na participação ativa.

Em destaque às respostas coletadas, é importante ressaltar que inclusão significa fazer



com que o estudante com algum tipo de limitação ou dificuldade se sinta bem no ambiente escolar em que está inserido. Para que sua inclusão seja efetiva, não deve se limitar apenas a oferecer uma atividade adaptada, mas sim garantir que ele seja completamente integrado, sem qualquer tipo de exclusão, com respeito e em um ambiente acolhedor.

Em conjunto com os aportes teóricos, manter o aluno com TDAH mais próximo do professor contribui para que ele se concentre melhor nas aulas, com uma rotina organizada e sem mudanças frequentes, além de atividades mais curtas e de menor dificuldade. Além disso, o professor deve mantê-lo longe de possíveis distrações, posicionando-o mais próximo da mesa do professor e distante de coisas que possam desviar sua atenção, como janelas, portas ou o fundo da sala.

Portanto, é essencial que o professor esteja sempre em busca de inovação e aprendizado sobre metodologias de ensino para alunos com TDAH, além de estar preparado para atender às necessidades de alunos com deficiência. Falar sobre inclusão na sala de aula é indispensável para abraçar a diversidade e garantir um ensino equitativo, reforçando a importância de um ambiente educacional para todos. Promover a inclusão é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa e isso deve começar desde a escola.



MACHADO, Rosângela; MANTOAN, Maria Teresa Eglér (Orgs.). **Educação e Inclusão: entendimento, proposições e práticas**. Blumenau: Editora da FURB, 2020.

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. **TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação**. Perspectiva, Erechim, v. 39, n. 148, dez. 2015.

NEURO CONECTA. **Como melhorar o aprendizado de uma criança com TDAH na escola**. Disponível em: [https://neuroconecta.com.br/como-melhorar-o-aprendizado-de-uma-crianca-com-tdah-na-escola/#google\\_vignette](https://neuroconecta.com.br/como-melhorar-o-aprendizado-de-uma-crianca-com-tdah-na-escola/#google_vignette) . Acesso em: 1 jul. 2024.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa?** Petrópolis: Vozes Ltda, 2012.

PROVANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PSICOEDU. **A história completa do RDAH que você não conhecia**. Psicoedu, 2016. Disponível em: <https://www.psicoedu.com.br/2016/11/historia-origem-do-tdah.html>. Acesso em: 04 mai. 2024.

RAMIRES. **ESPAÑHOLA COMO LINGUA ESTRANGEIRA A ALUNOS COM TAH: proposta de atividades práticas**. UFRGS. 2022.

SANTANA, Denner Henrique Caetano de Jesus; MEIRELES, Gabriel Filipe dos Santos. **Timidez e TDAH: os desafios enfrentados e as dificuldades superadas**. 2021. Trabalho de conclusão de curso – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2558/1/DENNER%20e%20GABRIEL%20-%20RAG.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA, Maria Aparecida da. **Investigação de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) entre estudantes de odontologia e suas repercussões na destreza manual e desempenho cognitivo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Odontologia) Universidade de São Paulo, 2014.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO APLICADO ÀS  
PROFESSORAS A E B**



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC  
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
 Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG Home Page: <http://www.uern.br>  
 E-mail: [proeg@uern.br](mailto:proeg@uern.br)

**CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS – CAPF  
 CURSO DE LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA E SUAS RESPECTIVAS  
 LITERATURAS**

Sugestão de perguntas para o questionário que será direcionado aos professores de Língua Espanhola:

O(A) colaborador(a) \_\_\_\_\_

Sexo:

Masculino ( ) Feminino ( )

Idade:

( ) até 25 anos

( ) de 26 a 29 anos

( ) de 30 a 39 anos

( ) de 40 a 49 anos

( ) mais de 50 anos

Formação Acadêmica: \_\_\_\_\_

Ano de Conclusão: \_\_\_\_\_

Especialização em \_\_\_\_\_

Ano de Conclusão: \_\_\_\_\_

Mestrado em \_\_\_\_\_ Ano de Conclusão: \_\_\_\_\_

Experiência: tempo em exercício de sala de aula

( ) menos de um ano

( ) de um a dois anos

( ) de três a cinco anos

( ) de seis a nove anos

( ) mais de dez anos

1. Diante suas vivências, na sala de aula, quanto professora, quais são ou quais foram as maiores dificuldades ao ensinar alunos com TDAH durante as aulas de língua espanhola?

---

---

---

2. Você faz a utilização de algum recurso musical ou visual para conseguir o foco dos alunos? Se sim, como você percebe a interação deles durante esses momentos de aprendizagem?

---

---

---

3. Quais atividades e métodos você considera fundamentais no processo de ensino da Língua Espanhola? Os mesmos podem ser utilizados com os alunos diagnosticado com TDAH?

---

---

---

4. Você tem apoio da escola e da família?

---

---

---

5. Como você ver o progresso dos alunos com TDAH nas aulas de Espanhol em relação aos demais colegas? Existe um avanço significativo?

---

---

---

6. Você faz algum tipo de adaptação das atividades desses alunos? Como ocorre e a partir de que materiais e recursos?

---

---

---

7. Quais tipos de atividades você pode perceber que eles ficam mais focados e interessados na aula?

---

---

---

8. Você já procurou algum apoio de especialistas ou materiais específicos para ensinar línguas estrangeiras de forma inclusiva e eficaz?

---

---

---

9. Para você, qual a importância da inclusão na sala de aula?

---

---

---

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO (TCLE)



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
 Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG Home Page: <http://www.uern.br>  
 E-mail: [proeg@uern.br](mailto:proeg@uern.br)  
 CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS – CAPF  
 CURSO DE LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Declaro por meio deste termo que fui convidado (a) como voluntário (a) e autorizei a aluna **Sonaly Maria Fernandes de Bessa**, do Curso de Letras Língua Espanhola, do *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Rio Grande do Norte (UERN), a realizar atividades referente a pesquisa do trabalho monográfico intitulada provisoriamente de **“Ensino de Língua Espanhola e inclusão: Desafios e estratégias adotadas para aprendizagem de alunos com TDAH no município de Portalegre-RN”**. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof.<sup>a</sup> Ma. Marília Cavalcante de Freitas Moreira.

Afirmo que a autorização se deu por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da mencionada pesquisa e fui também esclarecido (a) de que haverá sigilo no tratamento de meus dados pessoais e meu nome só será identificado caso haja permissão prévia para tal. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita, prioritariamente, de forma a não identificar os voluntários, conforme às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e sua orientadora. Sei também que em qualquer momento poderei solicitar novas informações a graduanda/pesquisadora **Sonaly Maria Fernandes de Bessa**, pessoalmente, pelo cel: (84) 9 9930-1973 ou pelo e-mail: [@sonalymaria@alu.uern.br](mailto:@sonalymaria@alu.uern.br) Portanto, **comprometendo-me a participar no que for possível para o desenvolvimento desta referida pesquisa.**

\_\_\_\_\_  
 Nome completo do participante  
 Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
 Nome completo da pesquisadora  
 Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da pesquisadora

Pau dos Ferros/RN, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO DO QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA A



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
 Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – PROEG Home Page:  
<http://www.uern.br>  
 E-mail: [proeg@uern.br](mailto:proeg@uern.br)  
 CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS – CAFF  
 CURSO DE LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**Sugestão de perguntas para o questionário que será direcionado aos professores de Língua Espanhola:**

O(A) colaborador(a) XXXXXXXXXX

**Sexo:**

Masculino ( ) Feminino (X)

**Idade:**

( ) até 25 anos

( ) de 26 a 29 anos

( ) de 30 a 39 anos

(X) de 40 a 49 anos

( ) mais de 50 anos

Formação Acadêmica: **Letras Espanhol** Ano de Conclusão: **2009**

Especialização em **Docência em Língua espanhola** Ano de Conclusão: **2010**

Mestrado em \_\_\_\_\_ Ano de Conclusão: \_\_\_\_\_

**Experiência: tempo em exercício de sala de aula**

( ) menos de um ano

( ) de um a dois anos

( ) de três a cinco anos

( ) de seis a nove anos

(X) mais de dez anos



1. Diante suas vivências, na sala de aula, quanto professora, quais são ou quais foram as maiores dificuldades ao ensinar alunos com TDAH durante as aulas de língua espanhola?

São inúmeras as dificuldades enfrentadas na sala de aula com os estudantes que são diagnosticados com TDAH, a primeira é o próprio diagnóstico que muitas das vezes sabemos que possuem esse transtorno, mas não são diagnosticados; outra dificuldade é a aceitação da família, que nem sempre aceita que seus filhos tenham esses transtorno, a falta de conhecimentos e preconceito também dificulta o nosso trabalho; uma das maiores dificuldades mesmo é fazer com que esses estudantes mantenham concentrado nas aulas, o transtorno muitas das vezes dificulta de mais a concentração dos estudantes, a inquietude deles também é outro obstáculo, muitas das vezes a agitação impede que se concentrem; um outro problema enfrentado é o preconceito que gera nos outros estudantes que nem sempre conhecem ou entende esse transtorno.

2. Você faz a utilização de algum recurso musical ou visual para conseguir o foco dos alunos? Se sim, como você percebe a interação deles durante esses momentos de aprendizagem?

Sim. Buscamos várias estratégias para prender a atenção desses estudantes, buscamos músicas, vídeos (curtos porque se for longos não conseguem manter o foco); as imagens são bastante exploradas pois os mesmo conseguem focar mais; há diversas formas reações quando se aplicar atividades como essas citadas a cima, cada estudante reage de uma forma, uns mantem o foco por mais tempo, outros não, mas, de modo geral essas atividades costumam gerar um efeito mais produtivo.

3. Quais atividades e métodos você considera fundamentais no processo de ensino da Língua Espanhola? Os mesmos podem ser utilizados com os alunos diagnosticado com TDAH?

As atividades trabalhadas em sala de aula muitas das vezes são as mesmas para os alunos da sala regular, as adaptações dependem de intelecto, caso haja necessidades as atividades sofre adaptações que são os mesmo objetos do conhecimento dos estudantes da sala regular, todavia buscamos apresentar mais imagens, múltiplas escolhas, respostas objetivos e subjetivas curtas; textos curtos e de fácil compreensão, a oralidades também é um recurso bastante importantes para os estudantes com TDAH.

4. Você tem apoio da escola e da família?

Sim e não, pois como já citei alguns familiares são resistentes ao diagnóstico TDAH, todavia os que abraçam a aceitação dos seus filhos nos ajudam bastante sempre nos procurando

para saber os avanços dos seus filhos; infelizmente alguns pais não compreendem as limitações dos seus filhos gerando um super protecionismo dificultando o nosso trabalho. A escola nos apoiam buscando formação na área e com os recursos didático para as nossas aulas.

5. Como você ver o progresso dos alunos com TDAH nas aulas de Espanhol em relação aos demais colegas? Existe um avanço significativo?

Cada estudante aprende de forma diferente mesmo os que não possuem esses transtorno, assim fica difícil falar de um modo geral, pois, cada estudantes tem seu próprio tempo no processo de aprendizagem; uns é perceptível o avanço na aprendizagem enquanto que outros não.

6. Você faz algum tipo de adaptação das atividades desses alunos? Como ocorre e a partir de que materiais e recursos?

Sim, fazemos adaptações das atividades caso haja necessidade, de acordo com o cognitivo do estudante adaptamos com atividades mais subjetivas, com múltiplas escolhas, imagens, auditivas e oral.

7. Quais tipos de atividades você pode perceber que eles ficam mais focados e interessados na aula?

Sem dúvidas com imagens e som, textos muitos longos costumam dispersar mais os estudantes com TDAH, assim textos curtos e objetivos prendem mais a atenção deles.

8. Você já procurou algum apoio de especialistas ou materiais específicos para ensinar línguas estrangeiras de forma inclusiva e eficaz?

Apoio de especialista não, embora as formações que tivemos nessa área tenha nos esclarecido bastante algumas dúvidas que possivelmente tínhamos, com relação aos materiais não temos dificuldades pois encontramos inúmeras atividades disponível na internet cabendo a nós adapta-los como nos convém.

9. Para você, qual a importância da inclusão na sala de aula?

Se faz necessário a interação social no âmbito escolar, é importante ressaltar que o TDAH não é uma doença e tão pouco contagiosa, é um transtorno que se pode conviver com os demais indivíduos, incluir essas crianças na escola é uma forma de compreender e conviver com esse transtorno de forma respeito e amigável, assim, é de extrema importância incluir os estudante com TDAH na escolas afim, de quebrar preconceitos e estereótipo acerca desse transtorno e não desses e sim de todos.



1. Diante suas vivências, na sala de aula, quanto professora, quais são ou quais foram as maiores dificuldades ao ensinar alunos com TDAH durante as aulas de língua espanhola?

Minhas maiores dificuldades na sala com alunos com TDAH são diversas. Primeiro, porque na minha formação acadêmica, pelo menos na minha época na grade curricular, não havia nenhuma disciplina voltada para trabalhar com esses alunos com deficiência. Outra dificuldade é que tem turmas que de 3 ou 9 alunos com deficiência com um universo diferente, com situações diferentes. Então, quando chego na sala de aula, principalmente com turmas grandes de 27 a 30 alunos, onde tem o mesmo transtorno, mas com realidades de aprendizagem diferentes.

2. Você faz a utilização de algum recurso musical ou visual para conseguir o foco dos alunos? Se sim, como você percebe a interação deles durante esses momentos de aprendizagem?

Sim, eu utilizo de tudo. Eu utilizo desde o vídeo do YouTube e vou pausando porque eu acredito que quando pego um vídeo bem atrativo e vou pausando para ir dando as minhas explicações, parando, comentando, pedindo a eles que participem, acredito que eu consigo mais a atenção deles. Eu percebo que consigo mais a questão visual do foco, de olhar para mim quando eu trago esse tipo de atividade, quando eu trago um vídeo específico, e se eu deixar para fazer os comentários no final, eles se perdem, não conseguem entender. Então eu vou pausando, fazendo comentários, envolvendo-os e assim a gente vai vendo acontecer e o aprendizado vai acontecendo aos poucos.

3. Quais atividades e métodos você considera fundamentais no processo de ensino da Língua Espanhola? Os mesmos podem ser utilizados com os alunos diagnosticado com TDAH?

Eu costumo utilizar desde o tradicional ao comunicativo, eles têm os seus momentos importantes. Acho que até o ~~audio~~ audio-lingual, muitas vezes, é necessário pois envolve escuta e leitura. Agora, nenhum, eu acredito, é completo. Nem o próprio comunicativo é um estudo completo, seja o aluno com deficiência ou o aluno sem deficiência. Hoje em dia, como professora, percebo que, ao facilitar o aprendizado de um aluno com alguma limitação, conseguimos beneficiar também o aluno que possui dificuldade, mas também que não tem deficiência, ele também aprenderá mais.

4. Você tem apoio da escola e da família?

Da escola a gente tem o apoio, mas a família, é complexo, porque a gente trabalha com uma diversidade de famílias, onde tem famílias atuantes e tem estudantes que vêm porque têm vontade de vir. E tem outros que vêm porque a família obriga, mas não por causa do aprendizado, por causa dos programas sociais que existem, ou por causa de um conselho tutelar. Quando o aluno é acompanhado em casa, quando os pais, os avós, vem até a escola e pergunta como é que tá e se procura ajudar no tempo necessário, é diferente.

5. Como você ver o progresso dos alunos com TDAH nas aulas de Espanhol em relação aos demais colegas? Existe um avanço significativo?

Existe um avanço significativo, às vezes o avanço é igual. Vai depender do nível do TDAH, vai depender da forma que eu consigo chegar nesse aluno através das metodologias que eu trago, da didática, onde irá ter coisas muito positivas, e vai ter momentos que eu não vou conseguir chegar onde queria. As vezes uma atividade deu certo e a outra não chamar a atenção do aluno com TDAH, principalmente porque é um público que às vezes passamos uma coisa e acham legal, já quando passamos novamente, já torna cansativa para eles. Você tem que estar inovando, fazendo coisas diferente, já que a disciplina de espanhol, é uma das disciplinas que eles gostam e que conseguem aprender, e que conseguem ter foco.

6. Você faz algum tipo de adaptação das atividades desses alunos? Como ocorre e a partir de que materiais e recursos?

Sempre faço adaptação. Eu tenho um livro o nível das atividades é bem infantil. Se o livro tiver a temática do tema que estou trabalhando na sala eu utilizo. Se não, eu pego o tema que estou trabalhando e adapto com questões de marcar, com questões de escolha, com questões para colorir. Então eu vou para a situação que ele consiga aprender

7. Quais tipos de atividades você pode perceber que eles ficam mais focados e interessados na aula?

Vídeos, músicas, às vezes eu pego um episódio do Chaves que está de acordo com a temática em espanhol, passo para eles, e eles ficam sem entender, porque é muita coisa, aí eu vou pausando para que eles consigam entender. A música eu passo diversas vezes, e vou desenvolvendo metodologias para que eles realmente leiam. Fico naquele joguinho, dizendo que vou dar uma nota, começo com a nota X e vou aumentando. Aí, quando eles não conseguem,

peço que cantem novamente, e eles nem percebem que estou tentando fazer com que cantem várias vezes, mas vou nesse joguinho, envolvendo eles.

8. Você já procurou algum apoio de especialistas ou materiais específicos para ensinar línguas estrangeiras de forma inclusiva e eficaz?

Sempre estou conversando com as professoras do AEE, sobre determinadas atividades que eles conseguem fazer e até onde eu posso ir, em que caminhos eu posso percorrer. Buscar a internet, que ela é uma facilitadora, mas nem tudo que é oferecido na internet a gente pode usar.

9. Para você, qual a importância da inclusão na sala de aula?

Para mim, inclusão não é apenas trazer uma atividade específica para um aluno, é fazer com que ele se sinta parte da turma. E criar um ambiente onde todos compreendam que aquele colega tem uma limitação diferente, mas que juntos podem facilitar a aprendizagem dele. Quando consigo que a turma entenda, por exemplo, que não podemos bater palmas porque aquele aluno tem sensibilidade auditiva, isso é inclusão.

Às vezes, pensamos que inclusão se resume ao aprendizado e às habilidades de uma disciplina, mas não é só isso, é um conjunto de fatores, um complemento que permeia toda a sala de aula.